



Universidade de Brasília

Instituto de Ciências Humanas – IH
Departamento de Geografia – GEA

**A representação dos significados transmitidos pelo
monumento: A Catedral Metropolitana Nossa Senhora
Aparecida – Brasília/DF**

Arthur Pedrosa Fraiz Vasques

Brasília- DF
2018

ARTHUR PEDROSA FRAIZ VASQUES

**A representação dos significados transmitidos pelo
monumento: A Catedral Metropolitana Nossa Senhora
Aparecida – Brasília/DF**

Monografia apresentada ao Departamento
de Geografia da Universidade de Brasília
(UnB) como exigência parcial para a
obtenção do título de Bacharel em
Geografia.

Orientadora: Prof^a Dr.^a Glória Maria Vargas

Brasília – DF
2018

Ficha Catalográfica

Vasques, Arthur Pedrosa Fraiz.

A representação dos significados transmitidos pelo monumento: A Catedral Metropolitana Nossa Senhora Aparecida – Brasília/DF / Arthur Pedrosa Fraiz Vasques; orientadora Glória Maria Vargas Lopez de Mesa. -- Brasília, 2018. 69 p.

Monografia (Bacharelado em Geografia), Universidade de Brasília, 2018.

|IH/GEA/UnB|

1. Geografia Cultural. 2. Paisagem. 4. Monumento. 3. Geossímbolo.
I. Maria Vargas Lopez de Mesa, Glória, orient. II. Título.

Referência Bibliográfica

Vasques, Arthur Pedrosa Fraiz. **A representação dos significados transmitidos pelo monumento: A Catedral Metropolitana Nossa Senhora Aparecida – Brasília/DF.** Monografia de graduação – Departamento de Geografia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília. Brasília, 2018. 69p

Cessão de Direitos

Autoria: Arthur Pedrosa Fraiz Vasques

Título: A representação dos significados transmitidos pelo monumento: A Catedral Metropolitana Nossa Senhora Aparecida – Brasília/DF

Grau: Bacharel, 2018

É concedida à Universidade de Brasília permissão para reproduzir cópias desta monografia e, ainda, emprestar e/ou vender cópias, somente que destinadas a propósitos acadêmicos ou científicos, desde que citada à fonte.

ARTHUR PEDROSA FRAIZ VASQUES

**A representação dos significados transmitidos pelo
monumento: A Catedral Metropolitana Nossa Senhora
Aparecida – Brasília/DF**

Monografia apresentada ao Departamento
de Geografia da Universidade de Brasília
(UnB) como exigência parcial para a
obtenção do título de Bacharel em
Geografia.

BANCA EXAMINADORA

Dra. Gloria Maria Vargas Lopez de Mesa (Orientadora)
Universidade de Brasília – UnB
Professora do Departamento de Geografia – GEA

Dr. Fernando Luiz Araújo Sobrinho
Universidade de Brasília – UnB
Professora do Departamento de Geografia – GEA

Me. Rafael Lavrador Sant Anna
Universidade de Brasília – UnB
Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Geografia - POSGEA

Brasília – DF
2018

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço aos meus pais, Ricardo e Natália, por destinarem uma parte do seu tempo de vida na minha criação e educação. Além de tudo, promoveram-me o privilégio da educação superior gratuita.

Agradeço ao meu irmão, Matheus, por tantos ensinamentos acerca da vida.

Agradeço à minha companheira Jamila pela resistência em me ajudar academicamente, por ser ombro amigo e coração aberto nos momentos de dificuldades e, por me mostrar um pouco do seu “olhar antropológico”.

Agradeço minha orientadora, Glória Maria, por toda paciência ao direcionar-me na escrita, sem seus ensinamentos na graduação e na orientação não seria possível a conclusão desse trabalho.

Agradeço a todos os meus amigos-irmãos.

RESUMO

A Catedral é um monumento que quebra paradigmas em relação a sua estética e estrutura, com sua arquitetura inovadora tornou uma obra de referência do arquiteto Oscar Niemeyer, sua localização central amplia sua visibilidade à grande parte da população do Distrito Federal, atribuindo-a múltiplos significados. Refletindo sobre isso, o presente trabalho busca evidenciar a representação dos significados transmitidos pela Catedral Metropolitana Nossa Senhora da Aparecida, localizada no eixo monumental de Brasília. Dessa forma, indaga a reflexão sobre os significados transmitidos pelo monumento que dispõe de um destaque locacional e viés católico. Busco relacionar o símbolo com a paisagem que o circunda, dando novas possibilidades de interpretação do monumento, inclusive, como símbolo identitário da população. Para efetivação do trabalho foi aplicado um questionário na zona central da Brasília, com o intuito de determinar e compreender os significados da Catedral como monumento religioso e geossímbolo da cidade. Os resultados obtidos mostraram a plurivocalidade da Catedral, feito o recorte por religião foi possível evidenciar diferença na representação como monumento religioso. Em relação à Catedral como geossímbolo pude notar como ela é um símbolo marcante na paisagem de Brasília que fomenta a identidade das pessoas, todavia entre os diversos geossímbolos existentes em um espaço metropolitano ela recebe uma menção maior pelo seu destaque locacional.

Palavras chave: catedral, significados, geossímbolo, paisagem.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Operários se apertam nas mesas do refeitório do Saps, na Candangolândia. Fonte: Arquivo Público do DF.	27
Figura 2 - Típico aposento dos trabalhadores da nova capital, a maioria vivia em locais improvisados: barracões, acampamentos. Fonte: Arquivo Público do DF.	27
Figura 3 - Operários de obras na Esplanada dos Ministérios fazem protesto. Fonte: Arquivo Público do DF	28
Figura 4 - Primeiros traços da malha urbana de Brasília. 1- Desenho formado pelo gesto primário de marcação de um lugar, formando o sinal da cruz. 2- adaptação das linhas retas à topografia local. Fonte: Relatório do Plano Piloto de Brasília, Lúcio Costa.	30
Figura 5 - Representação dos setores de Brasília. Fonte: Relatório do Plano Piloto de Brasília, Lúcio Costa.	30
Figura 6 - Cartograma da zona central de Brasília. Em destaque os edifícios que compõe o Eixo Monumental Leste (Esplanada dos Ministérios). Org. Arthur Pedrosa Fraiz Vasques.....	33
Figura 7- Catedral Metropolitana de Brasília. Fotografia: Arthur Pedrosa Fraiz Vasques, 2018.	34
Figura 8 - Vitrais de Marianne Peretti, vista do interior da nave. Fotografia, Arthur Pedrosa Fraiz Vasques, 2018.	35
Figura 9 - Conjunto de esculturas localizado na frente da entrada da Catedral representam S. Mateus, S. Marcos, S. Lucas, S. João. Fotografia: Arthur Pedrosa Fraiz Vasques, 2018.....	45
Figura 10 - Detalhe das quatro esculturas representando os evangelistas. Fotografia: Arthur Pedrosa Fraiz Vasques, 2018	45
Figura 11 - Conjunto das três esculturas, representando três anjos, localizados no centro da nave. Destaque das três das esculturas. Fotografia: Arthur Pedrosa Fraiz Vasques, 2018.	46
Figura 12 - Destaque das figuras de acrílico, representando as passagens de Maria na Bíblia. Fotografia, Arthur Pedrosa Fraiz Vasques, 2018.	47
Figura 13 - Destaque da Via crucis, localizada na parede do coro dentro da nave. Fotografia, Arthur Pedrosa Fraiz Vasques, 2018.....	47
Figura 14 - Gráfico referente aos resultados obtidos na questão 06 do questionário, com recorte religioso. Org. Arthur Pedrosa Fraiz Vasques.....	57

LISTA DE ABREVIACÕES

DF - Distrito Federal

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

GEB - Guarda especial de Brasília

NOVACAP - Companhia Urbanizadora da Nova Capital

RIDE - Região Integrada de Desenvolvimento do Distrito Federal

UDN - União Democrática Nacional e Entorno

Sumário

INTRODUÇÃO.....	10
1. A INTERIORIZAÇÃO DA CAPITAL BRASILEIRA	15
1.1. AS IDEIAS DE MUDANÇA DA CAPITAL DO BRASIL.....	16
1.2. A MUDANÇA DA CAPITAL FEDERAL	22
1.3. O EIXO MONUMENTAL DE BRASÍLIA	31
2. A CATEDRAL METROPOLITANA NOSSA SENHORA DA APARECIDA	34
2.1. A CATEDRAL NO CONTEXTO ESPACIAL DA REDE URBANA DE BRASÍLIA	37
2.2. A CATEDRAL METROPOLITANA DE BRASÍLIA COMO MONUMENTO	38
2.3. CATEDRAL COMO OBJETO DE CONTEÚDO RELIGIOSO.....	44
2.4. CATEDRAL ENQUANTO GEOSSÍMBOLO DE BRASÍLIA.....	48
3. A REPRESENTAÇÃO DOS SIGNIFICADOS.....	51
2.5. PROCEDIMENTOS DE CAMPO	52
3.2. RESULTADOS OBTIDOS	54
3.2.1. CATEDRAL COMO MONUMENTO	54
3.2.2. CATEDRAL COMO GEOSSIMBOLO	61
CONSIDERAÇÕES FINAIS	64
BIBLIOGRAFIA	67
APÊNDICE 1	69

INTRODUÇÃO

Enquanto entusiasta da ciência Geografia, a paisagem sempre foi algo que me inspirou a análise, no quesito de ser o primeiro contato entre o observador e o espaço. Minha rotina diária de deslocamento pendular, rotina essa que se aplica a um contingente populacional muito grande do Distrito Federal (DF), da minha moradia, em Sobradinho-DF, ao Plano Piloto, tem como ponto intermediário, muitas vezes, o Terminal Rodoviário de Brasília. O passar nesse local me proporcionou uma apreensão da paisagem que está em sua volta. Em sua face leste composta pelos edifícios da esplanada dos ministérios, quebrando a homogeneidade da arquitetura e função social daqueles edifícios, a Catedral Metropolitana Nossa Senhora de Aparecida aparece com destaque em minha compreensão primaria daquela paisagem e como uma quebra da paisagem.

Essa pesquisa tem como justificativa, acrescentar nos estudos sobre os significados de um monumento, na sua compreensão como um objeto simbólico dotado plurivocalidade. Entender o monumento como objeto simbólico público fixados em espaços urbanos, que possa influenciar na relação identitária entre as pessoas e a cidade. Dessa forma atribui-se desses objetos geográficos varias interpretações e sua relação com a paisagem. Portanto, advém desse trabalho a necessidade de compreender o monumento, também, como geossímbolo. v

Ao me iniciar no curso de Geografia Cultural, pude ter contato com outra face da Geografia, uma ótica de análise que possui centralidade no questionamento acerca das representações humanas no espaço e seus significados. O deslumbre para destacar a Catedral Metropolitana de Brasília como objeto de estudo dessa monografia, veio com a leitura do texto de CORREA (2007), “Uma sistematização da análise de monumento em geografia”. Tal texto me fez refletir sobre o monumento enquanto forma simbólica, não apenas objeto estético de uma cidade. O monumento enquanto transmissor de significados e destacados pela sua plurivocalidade. Diante disso, me veio a indagação de compreender os significados atribuídos à Catedral como monumento religioso inserido no centro da cidade.

Questiono, além de interpretar a construção enquanto monumento, outra concepção da Catedral, a de interpretar ela como geossímbolo de Brasília. Para

conceptualização, utilizo das palavras de BONNEMAISON (2002) que define geossímbolo como qualquer objeto, lugar e itinerário que assume um papel importante por razões religiosas, políticas e culturais para certas pessoas ou grupos no fortalecimento identitário.

A partir dessa conceptualização defino como **objetivo geral**: Determinar se a Catedral Metropolitana Nossa Senhora de Fátima transmite significados enquanto monumento religioso e geossímbolo na paisagem da esplanada dos ministérios. Os respectivos **objetivos específicos** foram: Compreender alguns dos significados atribuídos à Catedral Metropolitana Nossa Senhora Aparecida como monumento religioso e compreender a Catedral como geossímbolo da cidade.

Esses objetivos são geradores dos questionamentos que norteiam o trabalho. Dessa forma explico aqui as questões: A Catedral como objeto geográfico transmite significados para a população de Brasília? Que tipo de significados transmite enquanto monumento religioso? A Catedral por ser considerado um geossímbolo de Brasília?

Para começo da investigação, no primeiro capítulo denominado “**A interiorização da capital brasileira**”, busco contextualizar espacialmente e historicamente a construção de Brasília. Essa parte do estudo tem por finalidade utilizar uma análise multiescalar para contextualizar a paisagem da Catedral, partindo da reflexão sobre as ideias de mudança da capital, passando pela mudança e construção de Brasília e chegando enfim na paisagem do eixo monumental, localização do objeto de estudo do presente trabalho. Em suma, busco evidências históricas na literatura que comprovem um marco inicial nas ideias de mudança da capital federal para o interior do território nacional. Assim como destacar os atores que agiram na modificação da organização do território brasileiro. Para alguns autores como Silva (2006) e Ribeiro (2008), pude inferir que o movimento da Inconfidência Mineira foi o marco inicial na interiorização da capital, evidenciados em suas reivindicações dentro dos “*Autos da devassa da Inconfidência Mineira*”¹. Esse marco histórico do século XVIII foi à gênese das ideias, porém décadas passaram até os anos 50 do século XX, quando se efetivou a mudança com a construção de Brasília. A ideia passou por diversos atores e momentos políticos do Brasil, ganhando força em alguns momentos ou perdendo-a.

¹ É uma peça produzida no processo judicial movido pela coroa português contra Tiradentes e os demais inconfidentes.

Em linhas gerais, o começo definitivo da mudança da capital brasileira para a região do Planalto Central se dá no contexto do governo do Presidente Marechal Floriano Peixoto, na recente República brasileira, entre 1891 e 1894. Anunciaram uma comissão para a expedição do Planalto Central, conhecida como Missão Cruls que definiu parâmetros físico-naturais da região. O estudo foi descrito no relatório final da missão, que criou expectativas para a mudança, mas não resultou na ação imediata da transferência da Capital. Porém os dados levantados foram utilizados posteriormente pela “Comissão Poli Coelho”. A nova comissão utilizou de técnicas de aerofotogrametria, e posteriormente os produtos da investigação foram utilizados por uma firma norte-americana para levantamento das informações por fotoanálise e fotointerpretação. Dentro da região, cinco sítios foram indicados como possíveis localizações de Brasília, pelos critérios estabelecidos na lei 1.803, de 5 de janeiro de 1953. O destaque do sítio Castanho tornou-o a escolha para sediar a nova capital federal do Brasil.

A determinação do sítio de localização da nova capital fez ressurgir uma comoção da opinião pública em favor da mudança. O Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira (JK) utilizou do discurso da mudança da capital para apoiar sua candidatura, com seu Plano de Metas e integração do território nacional. Ao ser eleito, JK iniciou a construção de Brasília, com projeto urbanístico de Lúcio Marçal Ferreira Ribeiro de Lima e Costa, conhecido como Lúcio Costa. Evidencio essa parte do trabalho, destacado pela construção da nova capital, o contexto político e busco evidenciar tanto os atores mais hegemônicos como o arquiteto Oscar Niemeyer, quanto destacar o protagonismo dos candangos que efetivaram a construção da cidade. Esses, vindos de diversas locais do Brasil, para a “capital da esperança”. Porém como enfatizam RIBEIRO (2008) e VERSENTINI (1986), em linhas gerais, os trabalhadores resistiram em primeiro momento em um território inóspito, determinado para a mudança da capital no Planalto Central e depois nas baixas condições de moradia e vida na construção da capital durante cinco anos.

Concluída a discussão sobre construção da nova capital, passo para a caracterização do eixo monumental de Brasília, uma das quatro escalas do plano urbanístico de Lúcio Costa. Assim, caracterizo a paisagem que envolve a catedral de Brasília, de forma descritiva evidenciando as construções urbanas que compõe esse

espaço, e o grande fluxo de pessoas advindas de diversas localidades do Distrito Federal e Região Integrada de Desenvolvimento do Distrito Federal e Entorno (RIDE).

Feita a contextualização, vista no capítulo 1, histórica e espacial do objeto desse estudo, passo para análise da Catedral. Busco compreender a construção a partir de alguns direcionamentos, mostrando uma reflexão por algumas óticas de análise do objeto: o monumento em relação ao contexto espacial urbano do DF; a Catedral enquanto monumento; a Catedral como objeto de significados religiosos; A Catedral enquanto geossímbolo da cidade. Dessa forma fica esquematizado o segundo capítulo, denominado **“A Catedral Metropolitana Nossa Senhora da Aparecida”**.

A Catedral foi o primeiro monumento construído em Brasília, projetado pelo arquiteto Oscar Niemeyer, as obras tiveram o início em 12 de agosto de 1958 e em 1959 toda sua forma estrutural havida sido completada. Para concretização da análise da Catedral, me baseio em teóricos que ampliaram a compreensão da paisagem pela inserção dos significados nessas reflexões e outros que utilizaram dessa perspectiva: COSGROVE (1984, 1998), DUCAN (1990), CORREA (2005,2007), ROSENDAHL(2003) e CLAVAL (2011). Foca-se no âmbito simbólico da Catedral e nas suas representações. Busco questionar esses significados que são transmitidos pelo monumento inserido dentro da paisagem. De forma que a análise proponha a inserção da perspectiva da população residente do DF e RIDE e turistas na compreensão desses significados transmitidos. Dessa forma, busco por meio de questionários evidenciar a opinião da população a cerca desse tema, e entender a relação entre as pessoas, a paisagem e os geossímbolos. Para compreensão da Catedral enquanto geossímbolo, restrinjo a análise a residentes, pois a relação pessoa-paisagem-geossímbolo necessita de uma convivência para que possa representar algo significativo.

O questionário, como afirma GIL (2008), pode ser definido como uma técnica de investigação composta de perguntas que são submetidas para obtenção de informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses e etc. Dessa forma, os questionários aplicados, nessa pesquisa, são propostos por escritos aos respondentes, a fim de obter respostas das pessoas em relação aos objetivos da pesquisa. A utilização da técnica, para o presente trabalho, é justificada pela possibilidade de atingir um grande número de pessoas, dessa forma torna-se possível um conjunto maior de possibilidades de respostas.

Dessa forma, o último capítulo dessa monografia, **“A Representação dos significados da Catedral”**, busca por meio do questionário levar à reflexão as pessoas, produzindo dados que corroborem com a hipótese da plurivocalidade de significados do monumento, no caso a Catedral. Buscando evidenciar, também, a relação entre as pessoas e o geossímbolo, forte componente na caracterização da relação identitária entre pessoa e a paisagem. Concluo, por meio da convergência das teorias e questionamentos, acerca do monumento, com a opinião da população explicitar as diversas interpretações e interlocuções das pessoas com o monumento.

1. A INTERIORIZAÇÃO DA CAPITAL BRASILEIRA

Para contextualização da construção de Brasília, a nova capital federal, pretendo neste capítulo evidenciar os processos e atores fundamentais para a construção da ideia de mudança de capital. Em primeira instância, entender as primeiras ideias para o deslocamento da capital para o interior do território brasileiro, procurando uma integração do mesmo. Depois, entender Brasília como síntese desse processo de interiorização e integração territorial. No contexto de sua construção, de 1955 a 1960, vale ressaltar os agentes políticos e, em contrapartida, evidenciar os trabalhadores que sustentaram a construção da capital, com sua mão-de-obra e sua rotina incessante. Finalizo com a caracterização da escala de análise do objeto de estudo, a Catedral Metropolitana de Brasília.

As primeiras ideias mudancistas² da capital do Brasil para o interior remetem ao período entendido como Brasil Colônia. O Brasil possuía um contraste no território nacional, entre a civilização encontrada no litoral, de grande concentração demográfica, e o abandono evidenciado além dessa faixa. A transferência da capital política do país foi vista como a forma adequada para a descentralização do território, assim como um meio de alavancar o progresso nessas regiões menos assistidas. Como afirma Ribeiro (2008), a construção de Brasília teve como um de seus objetivos: interiorizar uma parcela da população brasileira, deslocando um contingente demográfico para uma parte do território nacional que integraria as demais.

O Brasil, desde o período Colônia até a mudança da capital para Brasília, se encontrava delimitado por uma fronteira que dividia e organizava o território nacional política e socialmente em duas partes distintas: a parte litorânea e a parte interiorana. Segundo Silva (2006) em direção ao Oeste, havia um outro Brasil, fértil, mas improdutivo; rico, mas miserável; à espera de que nos dispuséssemos a ocupá-lo efetivamente. Brasília seria o marco dessa ocupação e integração do território nacional, e o maior contingente populacional que estava diretamente ligado à efetivação da mudança, eram os operariados da construção civil, oriundos das diversas partes do

² As ideias mudancistas percorrem a história do território brasileiro, em suma, trata-se de ideias de mudança, deslocamento da capital federal para o interior do Brasil. Não sendo exclusiva para o território delimitado que hoje é Brasília. Muito antes de pensar Brasília outras localizações foram ressaltadas para sediar a capital do Brasil.

Brasil: os candangos, derivaram do Nordeste, do interior de Goiás e dos municípios das fronteiras de Minas e de Mato Grosso.

Brasília foi considerada uma necessidade para a integração do território nacional. Foi implementada em pleno Planalto Central, sua localização “central” permitiu que ela fosse um ponto de ligação entre a rede de capitais estaduais. Segundo a lógica desenvolvimentista, sua inauguração, conjuntamente com suas redes elétricas e de estradas de rodagens, promoveram o desenvolvimento da produção agropecuária, industrial e mineral do Centro-Oeste brasileiro. Brasília foi um ponto chave para a mudança e integração territorial, mas as mudanças foram sustentadas, também, por ações governamentais que apoiaram a reocupação do Centro-Oeste para ser o elo de integração do país. Como afirmam Costa & Steinke:

Essa retomada estratégica da região, no cerne do poder desenvolvimentista, pautou-se em critérios ou justificativas como: a) baixo valor da terra; b) incentivo financeiro via programas especiais do governo federal (crédito e política de preço mínimo); c) inserção do Brasil no cenário das commodities agrícolas internacionais (soja e, posteriormente, milho e algodão); d) investimento em pesquisa agropecuária; e) fatores naturais favoráveis, como solo e relevo propícios ao modelo de produção em larga escala; f) falsa ideia de que o valor de biodiversidade do Cerrado era baixo, o que o levou a ser sobreposto no processo produtivo. (Costa & Steinke, 2014, p. 18-19).

Brasília é um ponto equidistante das demais capitais estaduais, sua construção foi o marco inicial do projeto integracionista que se desenvolve até hoje. No tocante às ideias mudancistas, a primeira ideia de interiorização vem antes do Governo de Juscelino Kubitschek de Oliveira³ (JK). Segundo Silva (2006), a Inconfidência Mineira⁴ foi o primeiro movimento que promulgava a mudança da capital federal do Rio de Janeiro para o interior do território nacional.

1.1. AS IDEIAS DE MUDANÇA DA CAPITAL DO BRASIL

Muitos autores atribuem a Francisco Tosi Colombina o pioneirismo na ideia de interiorização da capital, mas segundo Silva (2006) e Ribeiro (2008), nada em seus trabalhos provam isso. Francisco Tosi Colombina⁵, no século XVII, apenas propusera ao governo uma concessão para lucros pessoais, na qual ele e seus sócios pleitearam

³ Ex-presidente do Brasil ocupou o cargo entre 1956 e 1961.

⁴ A inconfidência mineira ou Conjuração Mineira foi um movimento separatista que ocorreu na capitania de Minas Gerais, hoje, o Estado de Minas Gerais. Ocorreu, principalmente, devido a altas tributações sobre o ouro extraído e o domínio de Portugal, foi reprimido em 1789.

⁵ Engenheiro militar atuou pela Coroa Portuguesa no campo da Cartografia.

abrir uma estrada de carros e carretas de São Paulo a Goiás, seguindo até Cuiabá, obtendo o privilégio dos rendimentos das carretas por dez anos e uma sesmaria⁶ de três em três léguas.

O movimento da Inconfidência Mineira é mencionado como o pioneiro na ideia de interiorização da capital federal. Até então, no século XVIII a capital era sediada no Rio de Janeiro. Os inconfidentes mineiros incluíram em suas reivindicações a transferência da capital para São João del-Rei em Minas Gerais, em 1789. A reivindicação pedindo a transferência da capital pode ser vista nos “Autos de devassa da Inconfidência Mineira”. Escritos pelos inconfidentes, o documento contém todas as exigências do movimento.

Segundo Silva (2006), Domingos de Abreu Vieira, Tenente Coronel da Cavalaria Auxiliar de Minas Novas, relata “que a Capital se havia de mudar para São João del-Rei, por ser aquela vila mais bem-sucedida e farta de mantimentos”. Com a mudança para São João del-Rei, seria feita a construção de uma universidade, como a de Coimbra em Portugal. Muitas citações podem ser transcritas para comprovação da gênese da ideia de mudança da capital, mas sucintamente nota-se que o movimento mudancista teve suas raízes na Inconfidência Mineira. Alferes Joaquim Jose da Silva Xavier⁷, o Tiradentes, morreu juntamente com o movimento, mas suas ideias reverberaram no tempo, e germinaram em outras situações e contextos.

Hipólito José da Costa, jornalista e diplomata brasileiro, retoma as ideias mudancistas ao editar e fundar, no seu exílio em Londres, o jornal Correio Braziliense. No ano de 1813, publicou um artigo no qual defendia a mudança da capital para o interior junto “às Cabeceiras do Rio São Francisco”. Durante o Império, vários foram os que citaram a interiorização, assim deixou escrito Otávio Tarquino de Souza na sua “História dos Fundadores do Império do Brasil”. José Bonifácio de Andrade, Vice-Presidente do Governo Provisório de São Paulo, no século XIX instruiu à Corte de Lisboa a utilidade da construção de uma cidade no interior do Brasil para sediar o centro político nacional. Esse episódio foi denominado futuramente como “Lembranças e Apontamentos”, e em trechos Bonifácio cita:

⁶ Sesmaria eram terrenos não ocupados, destinados pelos portugueses, aos novos povoadores

⁷ Ícone da Inconfidência Mineira e Líder do movimento. Nasceu em 1746 e morreu como mártir em 1789. A Coroa Portuguesa o matou como forma de punição exemplar, afim de desencorajar revoltas.

“Parece-nos útil que se levante uma cidade central no interior do Brasil para assento da Corte ou Regência (...) em sítio sadio, ameno, fértil e regado por algum rio navegável (...) Desse modo, fica a Corte ou assento da Regência livre de qualquer assalto e surpresa externa”(Silva, 2006)

Em 1824, nos autos da revolução pernambucana (até então denominada Confederação do Equador), faz-se referência à interiorização da capital. Adolpho de Varnhagen, militar e historiador brasileiro, manifesta sua vontade de mudança da capital. Primeiramente cita São João del-Rei para sediar o centro político, porém ao pensar sobre o deslocamento até o interior de Minas Gerais, Varnhagen estipula que a mudança para o Planalto Central seria mais viável. Varnhagen cita a vulnerabilidade da capital por ser sediada no Rio de Janeiro: sua localização propícia a sofrer ataques vindos do mar. Faz comparação com as demais capitais de as nações europeias e americanas serem centralizadas em seus territórios. Varnhagen menciona que o próprio território brasileiro concede uma localização mais central, mais segura e própria para ligar entre si os três grandes vales: do Amazonas, do Prata e do São Francisco.

A mudança da capital para o interior do território perpassou por ideias desde revoluções a possíveis ações dos governantes da nação para melhor proteger o centro do poder e seus agentes. Porém, a mudança da capital aparece, também, no plano esotérico, existe a ideia de que São João Bosco⁸ sonhou com a construção de Brasília. Mas como afirma Silva Marques (2006) o governo do Distrito Federal (DF), as academias literárias, as instituições históricas, o comércio e a indústria mantém como verdadeiro uma predição que Dom Bosco não fez. Para título de curiosidade, Dom Bosco costumava ter visões proféticas, e num desses sonhos, a qual atribuem a construção de Brasília, ele, em espírito, escuta a voz de um guia espiritual, afirmando que surgiria uma terra prometida, entre os paralelos 15 e 20. Nas palavras de Dom Bosco “quando vierem a escavar as minas escondidas no meio destas montanhas, aparecerá neste sítio a terra prometida, donde fluirá leite e mel. Será uma riqueza inconcebível”. Em momento algum Dom Bosco afirma que surgiria a capital do Brasil no Planalto Central, o seu sonho, de forma ideal, concebe um lugar repleto de belezas e agraciado por recursos naturais de forma bem ampla, podendo ser materializada em diversas localizações, dentro da área desses paralelos.

⁸ Dom Bosco nasceu em 16 de agosto de 1815, em Becchi, na Itália. Fundador da Sociedade Salesianos de Dom Bosco, Faleceu em 31 de janeiro de 1888, em Turino. Foi canonizado em primeiro de abril de 1934 pelo Papa Pio XI.

Após o período que compreende o Império, no Brasil já República, no final do século XIX, as discussões para interiorização da Capital ainda prevaleciam. Fica evidenciado no Decreto 1º da República, datado de 15 de novembro de 1889, a imprevisibilidade do Rio de Janeiro permanecer como Capital, assim, considerada uma sede provisória.⁹ No Congresso Constituinte, o debate sobre a interiorização da Capital foi defendido por muitos deputados e juristas. Sendo assim, “a emenda da Constituição determinando a mudança da Capital foi assinada por 88 constituintes” (SILVA, 2006, p.42). Promulgada a Constituição de 1891, em partes foi citada a mudança da Capital federal: definiu-se uma área de 14.400 quilômetros quadrados pertencente à União para a futura construção da Capital. Após isso, aprovou-se um substituto do Deputado Nogueira Paranaguá, que concede ao Poder Executivo o crédito de 250,000\$ réis para estudos de levantamento da área destinada a nova capital federal.

Em 12 de maio de 1892, o Marechal Floriano Peixoto¹⁰, por meio de uma mensagem ao Congresso Nacional, anuncia a urgência da mudança da Capital da União, anunciando a comissão que seguiria para o Planalto Central para proceder a demarcação da área e os estudos cabíveis. “Para dar cumprimento a essa demanda, o Ministro dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, organiza a comissão exploradora do Planalto Central do Brasil” (SILVA, 2006, p.45), confiando a direção dessa comissão a Luiz Ferdinand Cruls¹¹. A comissão, composta por diversas formações e funções partiu no dia 9 de junho de 1892, saindo do Rio de Janeiro para Uberaba, em seguida segue para Pirenópolis. Nessa etapa se dividiram em dois grupos, cada um optando por um caminho: direto para Formosa e o outro passando pela cidade de Santa Luzia, atual Luziânia.

No Relatório Parcial escrito por Luiz Cruls, os trabalhos feitos pela comissão exploradora consistiriam: na limitação da área destinada ao Distrito Federal, levantamento do caminho percorrido, de corpos d’água, altímetro e posição geográfica dos pontos marcados, estudos da geologia da região, levantamento botânico, entre outros. Com a conclusão do relatório final, Floriano Peixoto designou a presidência da Comissão de Estudos da Nova Capital da União à Luiz Cruls. A comissão então

⁹ Artigo 10 – O território do Município Neutro fica provisoriamente sob a administração do Governo Provisório da República e a cidade do Rio de Janeiro constituída também provisoriamente sede do poder federal.

¹⁰ Foi um político e militar brasileiro, primeiro vice-presidente do Brasil. Tornou-se segundo presidente do Brasil logo após a renúncia de Marechal Deodoro da Fonseca, ficou no poder de 1891 a 1894.

¹¹ Astrônomo Belga chefe a expedição para demarcação do quadrilátero para o novo Distrito Federal

legitimou as informações levantadas pelo relatório final, e a completou levantando outros dados sobre o local, como o levantamento topográfico dos 14.000 quilômetros quadrados do quadrilátero demarcado para o Distrito Federal, confeccionando o primeiro mapa do DF.

A entrega do relatório criou grandes expectativas para mudança da capital federal, diversos setores da sociedade apoiaram a ideia. Porém, no Governo de Prudente de Morais¹², caiu no esquecimento a ideia de mudança, sendo dissolvida a comissão pela falta de verba e os estudos foram arquivados. Apenas em 1922, com o centenário de independência política do Brasil, retornou-se à ideia mudancista ao implementarem a Pedra Fundamental¹³ perto da cidade de Planaltina no Distrito Federal.

Até a década de 30, a mudança da capital permaneceu em hiato. A Constituição permaneceu a mesma, porém os atores políticos mudaram e a ideia não fora mais mencionada, seguindo sem ações para implementação do dispositivo constitucional. Em 1934, a questão recebeu menção na nova Constituição¹⁴, havendo referência para a transferência da capital para um local no centro do país, como já afirmado após o relatório Cruls. O artigo 4º das Disposições Transitórias, afirmou que logo que a Constituição entrar em vigor seria nomeado, novamente, uma comissão para estudos das localidades mais apropriadas, porém nada foi feito.

Em seguida, com a instituição do Estado Novo, em 1937, a Constituição promulgada omite a ideia de transferência da Capital e nada objetivo ocorreu nesse período para a mudança da capital. Com a posse do novo Presidente General Eurico Gaspar Dutra¹⁵, a nova Constituição brasileira trouxe novamente à tona a ideia de transferência da Capital federal. Com isso foi montada uma nova Comissão de Estudos presidida pelo General Djalma Polli Coelho, denominada “Comissão Polli Coelho”, na época ratificou as informações coletadas pela Missão Cruls.

¹² Foi o primeiro civil a ocupar a presidência do Brasil, seu mandato foi de 1894 a 1898.

¹³ É um objeto simbólico que assinala, geralmente em um evento solene, o primeiro passo de uma obra importante. Demarcando no tempo e espaço a primeira ação e os agentes que propuseram a realização da obra.

¹⁴ Artigo 4º, constituição de 1934 – “Será transferida a Capital da União para um ponto central do Brasil. O presidente da República, logo que esta Constituição entrar em vigor nomeará uma Comissão que, recebendo instruções do Governo, procederá aos estudos das várias localidades adequadas à instalação da Capital.”.

¹⁵ Militar brasileiro, presidente do Brasil de 1946 a 1951.

Sob a Presidência de Poli Coelho, a missão de exploração e estudo da área da nova Capital foi feita após a viagem e as informações levantadas em 22 de julho de 1948, a redação final do relatório foi aprovada, e de posse desses documentos, o atual Presidente da República General Eurico Gaspar Dutra encaminhou ao Congresso Nacional para entrar em debate. Por cerca de 5 anos foi debatido o assunto para, enfim, o Poder Executivo ser autorizado a realizar os estudos definitivos sobre a localização da nova capital.

A Comissão, de início, contratou uma empresa de Aerofotogrametria, a Cruzeiro do Sul, para o levantamento aero fotográfico da área, denominado “retângulo do Congresso”, com perímetro de 52.000 quilômetros quadrados. Com essas informações já coletadas, a Comissão assinou contrato com uma firma norte-americana. A empresa *Donald J. Belcher and Associates Incorporated*, sediada em Ithaca, Estados Unidos, foi escolhida para fazer estudos de fotoanálise e fotointerpretação, promover levantamentos e planejamentos. Sendo assim, cinco sítios de 1.000 quilômetros quadrados dentro do retângulo de 52.000 quilômetros quadrados foram indicados como possíveis localizações da nova Capital: sítio Castanho, sítio Verde, sítio Vermelho, sítio Azul e sítio Amarelo. Devido às melhores condições o sítio Castanho foi escolhido por meio de votação, seguindo os critérios calcados na lei 1.803, de 5 de janeiro de 1953.

Com a determinação do sítio escolhido, a Comissão fez a escolha de uma subcomissão, encarregada para o levantamento e demarcação dos limites territoriais do Distrito Federal. Foi determinado que em volta do sítio escolhido a área para localização do DF teria que ter aproximadamente 5.000 Km². Com alguns dias de trabalho a subcomissão conseguiu construir o relatório final. Foi delimitado da seguinte forma: o perímetro começa no ponto de latitude 15°30’ Sul e longitude 48°12’ Oeste, seguindo para o ponto com latitude 15°30’ Sul e longitude de 47°25’ Oeste, segue nesse mesmo meridiano até o paralelo de 16°03’ Sul, em seguida o próximo ponto marcado fica na localização com latitude 16°03’ Sul e longitude 48°12’ Oeste e o último ponto, fechando assim o polígono, é a intersecção do paralelo 15°30’ sul com o meridiano 48°12’.(Silva, 2006).

A seleção definitiva do sítio para a mudança da Capital fez com que a ideia ressurgisse com força na opinião pública do país. O discurso da mudança da capital ganha interesse depois de vários anos no esquecimento, surgindo de forma mais forte e

exaltada. Sendo assim, no dia 4 de abril de 1955, Juscelino Kubitschek de Oliveira (JK), candidato a campanha sucessória de 1955, começa seu diálogo com o povo, e sendo questionado por um cidadão sobre a mudança da capital: o candidato à presidência, afirma de forma indireta que ele cumpriria a determinação da Constituição:

Tudo teve início na cidade de Jataí, em Goiás, a 4 de abril de 1955, durante a minha campanha como candidato à Presidência da República. (...) no discurso que ali pronunciei, (...) declarei que, se eleito, cumpriria rigorosamente a Constituição. Contudo, era meu hábito... estabelecer um diálogo com os ouvintes, após concluído o discurso de apresentação da minha candidatura. (...) foi nesse momento, que uma voz forte se impôs, para me interpelar: “O Senhor disse que, se eleito, irá cumprir rigorosamente a Constituição. Desejo saber, então, se pretende pôr em prática o dispositivo da Carta Magna que determina, nas suas Disposições Transitórias, a mudança da capital federal para o Planalto Central”. (...) já possuía meu Programa de Metas e, em nenhuma parte dele, existia referência àquele problema. Respondi (...) “Acabo de prometer que cumprirei, na íntegra, a Constituição e não vejo razão por que esse dispositivo seja ignorado. Se for eleito, construirei a nova capital e farei a mudança da sede do governo (KUBITSCHECK, 1975, p. 7-8)

1.2. A MUDANÇA DA CAPITAL FEDERAL

Essa promessa tornou-se realidade. A ideia de mudança que perdurou por vários períodos da história brasileira, já citados no texto, se desenvolveu até sua concretização numa transição de governo bem peculiar. Em agosto de 1954, ocorreu o suicídio de Getúlio Vargas¹⁶, para sua sucessão, José Fernandes Café Filho assumiu o Governo Provisório “que mal pôde esconder suas ligações com a União Democrática nacional (UDN) e interesses estrangeiros.” (Ribeiro, 2008, p. 33). Dentro disso, a eleição é conquistada por JK e Jango Belchior Marques Goulart (Jango), porém em 1955 diante desse resultado é identificado um golpe articulado por forças políticas e militares interligados com os interesses estrangeiros. “Graças à intervenção do general Lott, a legalidade, com o consequente direito de posse aos eleitos, é mantida” (Ribeiro, 2008, p. 34). Vale ressaltar que esse novo governo se fez em cima de uma base política e ideológica pregada pelos antigolpistas e antimperialistas. Esse contexto é evidente no Congresso da época, onde foi formada uma Frente Parlamentar Nacionalista, apoiado pelas chamadas forças populares.

¹⁶ Presidente do Brasil por 15 anos de 1930 a 1945, nesse período foi presidente do Governo Provisório (1930 a 1934) foi presidente do governo constitucional (1934 até 1937), e presidente ditador durante o Estado Novo (1937 a 1945).

No âmbito econômico, foi um período dinâmico. JK, ao implementar o Programa de Metas, no qual Brasília era chamada de Meta Síntese, promoveu um crescimento econômico nacional de forma significativa com base na produção industrial, de modo que a industrialização foi vista como o caminho para a independência econômica que por fim marcaria a soberania do país. Dessa forma, o desenvolvimento industrial era visto como uma afirmação da ideologia nacional. Em suma, nesse período desenvolvimentista, ocorreu um grande investimento no modo de produção industrial para melhorar apoiar a economia interna.

Em meio a dicotomias ideológicas, o projeto de interiorização da capital federal é fundamentado e concretizado sob o rótulo de Meta Síntese. Síntese pelo fato da construção de Brasília ser uma realização, um projeto governista calcado na ideologia desenvolvimentista. A nova capital é “batizada de “cruzeiro rodoviário”, tinha base da cruz fincada não na virgem Porto Seguro dos anos 1500, mas na virgem Planalto Central dos anos 1950, ligando pelo interior Norte e Nordeste ao Centro-Sul” (RIBEIRO, 2008, p.37), sendo assim, Brasília foi a o ponto de intersecção e ligação de diversos trechos rodoviários que conectariam o Norte/Nordeste ao Centro-Sul do Brasil. A construção da obra pelo Estado, legitima a ideologia que carrega o movimento de interiorização da Brasil em busca de novas terras. Poderia ter sido feito de outra forma com outros atores para sua concretização, porém JK, ao ser indagado por um cidadão em um dos seus comícios, evidencia a vontade do “povo” na mudança da capital dentro do discurso, de seguir com a constituição sem ferir nenhum de seus preceitos. Sendo assim, Brasília é incluída dentro dos Programas de metas do JK.

Ao ser eleito, JK, inicia a construção de Brasília ao sancionar a lei nº 2.874 de 1956 que define a Companhia Urbanizadora da Nova Capital (NOVACAP), a qual foi presidida na época por Israel Pinheiro. No decorrer do início das obras, foi aberto o concurso público do Plano Piloto de Brasília, com 26 projetos urbanísticos apresentados, tendo como projeto vencedor o de Lúcio Marçal Ferreira Ribeiro de Lima e Costa (Lúcio Costa), arquiteto e urbanista francês, com um traçado simples do complexo urbano.

Para o feito da construção se concretizar foi necessária mão-de-obra, com o boato da construção de Brasília se espalhando pelo território nacional, vários homens partiram para o Planalto Central do Brasil, formando a mão-de-obra da construção da capital.

Pessoas vindas de toda parte do país, que têm suas memórias esquecidas e sobressaídas pelas autoridades e personalidades nacionais hegemônicas a época. Assim, Ribeiro (2008) salienta como a história da capital é contada pelas grandes figuras públicas, e como esses atores recebiam os papéis de protagonistas, enquanto os trabalhadores eram vistos como meros figurantes. Além disso, os Diários de Brasília¹⁷ não relatavam o cotidiano dos trabalhadores ou fatos marcantes decorridos na construção de Brasília. “Tratavam-se certamente de um diário, mas um diário do poder” (RIBEIRO, 2008, p.)

O operariado que concretizou a ideia da nova Capital resistiu em um território relativamente isolado, com baixa densidade populacional em 1956, de um habitante por metro quadrado (IBGE, 1959, p. 4). O fato de ser isolado e distante das capitais estaduais próximas, tornava difícil a chegada dos trabalhadores que vinham em estradas precárias para o local. Para solução desse isolamento inicial da região, fez-se necessário criar vias de transportes; primeiramente foi construída uma pista de pouso de avião, porém era inevitável a construção de vias de transporte terrestres para assegurar o escoamento de grande quantidade de materiais e trabalhadores que circulariam pelos territórios da nova capital. Com isso começou a construção das estradas, inclusive a Brasília-Anápolis, cidade goiana, localizada a 140 quilômetros de Brasília, importante pelo fato de ser o último ponto da estrada de ferro que levava ao sul do país. De forma geral, esse foi o contexto territorial presenciado pelos trabalhadores nos anos iniciais da construção de Brasília.

O fato é que os trabalhadores, vindos de tantos outros lugares, em precárias situações, como afirma VERSENTINI (1986), formavam acampamentos que foram se multiplicando no decorrer dos anos, acampamentos com baixos índices de infraestrutura básica – rede elétrica, canalização de água - e aparelhos domésticos elétricos. Dessa forma, o novo Distrito Federal era constituído por acampamentos e núcleos urbanos ditos provisórios. Pela obra ser extremamente grande e exigida em tempo curto, até 1960, o trabalho era intensivo, os trabalhadores revezam os turnos. Entretanto haviam dias que os trabalhos eram feitos virando a noite interruptamente. Essas condições de trabalho refletiam nos altos índices de acidentes laborais, muitas vezes fatais.

¹⁷ Publicações mensais organizadas pela NOVACAP, para pesquisa histórica da construção, inauguração e consolidação da nova capital.

A vida que os trabalhadores levavam era cruel. Além de todos os problemas que englobavam a vida dos trabalhadores na Capital, outra frustração e medo presente na rotina do operariado era o excesso de violência promovidas pela segurança das empreiteiras. A NOVACAP concomitantemente com as empreiteiras formou a Guarda especial de Brasília (GEB) que estava presente em diversos conflitos nessa época, principalmente na repressão do lazer operário. Segundo Ribeiro (2008) ao registrar depoimentos, notou-se um padrão nos conflitos, de forma geral eram personalizados e particularizados. Normalmente eram entre um indivíduo e a polícia, tinham como maior motivo inicial a cachaça, e normalmente ocorriam em bares e casas de meretrício. Um exemplo da grande violência promovida pela Polícia na cidade no período da sua construção foi relatado pela *Jornal do Brasil* de 10 de fevereiro de 1968:

O mais brutal de todos, ninguém contesta, embora se ofereça mais uma versão, foi o metralhamento de dezenas na semana do carnaval de 1959. Pela versão que correm nos meios oficiais, os responsáveis pelo acampamento da construtora Pacheco Fernandes (encerrava a construção dos palácios) solicitaram ao comando da GEB o envio de homens para abafar a algazarra que os operários promoviam na cantina daquela firma, como protesto coletivo contra a má qualidade da comida. Um choque da GEB chegou ao local e foi surrado pelos operários. Um dos guardas conseguiu escapar e foi o quartel dizer que seus companheiros estavam sendo massacrados. Imediatamente, sem ordem superior, toda a guarda partiu para o acampamento e metralhou os operários no pátio. Por outra versão, que não corre nos meios oficiais, o acampamento Pacheco Fernandes sempre oferecia aos trabalhadores comida de má qualidade e cortava-lhes o fornecimento de água, fosse para a higiene ou para o preparo de comida. Todas as vezes que isso acontecia, os operários, cansados com a repetição dos fatos, protestavam ruidosamente. Numa dessas vezes, os responsáveis pelo acampamento solicitaram ao comando da GEB que enviasse grande quantidade de homens armados para abafar a manifestação, que era mais intensa. Chegando ao local, ainda nos carros, os guardas acionaram as metralhadoras, cercaram o pátio e invadiram os alojamentos disparando sobre os homens que dormiam amontoados nos beliches. Ninguém contesta que foram necessários caminhões basculantes para carregar os cadáveres, enterrados em uma vala, aberta às pressas por tratores, longe da cidade. Ninguém sabe exatamente onde ocorreu o sepultamento coletivo, mas algumas afirmam ter sido nas proximidades da cidade-satélite de Planaltina. (VESENTINI, 1986, p. 110-111)

A construção de Brasília ocorreu sobre superexploração da força de trabalho, os candangos eram submetidos a ritmos de trabalhos intensos, com baixas remunerações; péssimas condições de moradia e alimentação; as leis trabalhistas eram negadas e a segurança pública era feitora da violência. Porém, o discurso que alimentava a imagem da construção de Brasília e na época transmitido pelo governo e pelos apoiadores do governo JK era muito diferente. Muitas vezes o discurso oficial era fantasioso, como pode ser visto nas palavras de Oscar Niemeyer:

Vivíamos naquela época como uma grande família, sem preconceitos e desigualdades. Morávamos em casas iguais, comíamos nos mesmos restaurantes, frequentávamos os mesmos locais de diversão (...). Unia-nos um clima de confraternização e proveniente de idênticos desconfortos. Agora, tudo mudou, e sentimos que a vaidade e o egoísmo aqui estão presentes e que nós mesmos estamos voltando, pouco a pouco, aos hábitos e preconceitos da burguesia que tanto detestamos (...). Brasília mudou muitos e isso nos deprime, apesar de compreendermos as contingências decorrentes da cidade que cresce e que durante algum tempo, pelo menos, representará o regime capitalista, com todos os seus vícios e injustiças. Somos, entretanto, otimistas. Breve, a ilusão que perdemos será realidade. (VESENTINI, 1986, p. 111-112)

Assim como na fala de Nelson Werneck Sodré, que compartilhava da mesma visão de Niemeyer, podemos notar uma ideia romântica e heroica da rotina da construção de Brasília:

Os trabalhadores, vindos de todos os cantos do país, num movimento semelhante à corrida do ouro na Califórnia e no Alasca, tornaram-se autênticos heróis, foram logo conquistados por esse espírito de luta e solidariedade e os empreiteiros das obras aderiram ao ritmo febril de trabalho, atendendo as exigências de prazos, esforços que permitiria, por exemplo, a construção do Palácio da Alvorada em dose meses [...]. O entusiasmo a todos empolgava, sentiam que colaboravam numa obra grandiosa e podiam, assim, enfrentar as dificuldades dos inconformados. Desse devotamento ao trabalho e desse entusiasmo resultaria um clima de união e amizade logo estabelecido: à noite os amigos se reuniam para conversar e batucar em guitarras e bandolins ou mesmo em copos e garrafas [...]. Ao amanhecer os passarinhos enchiam o ar com seus cantos, chamando ao trabalho. Estávamos naquele afã de construir. Era todo mundo vestido igual, comendo nos mesmos lugares. Esquecemos qual era a vida que a gente teria que levar depois. (SODRÉ, 1978, p. 55-56)

Fica evidente que esse cenário, evocado pela fala dos dois atores, é contraditório e irreal, e não incluem os candangos, os que deram forma à Brasília. Para os autores RIBEIRO (2008) e VESENTINI (1996), a condição insalubre de vida que os operários foram submetidos não está nas linhas escritas pelos narradores da construção, sempre, ao se falar da construção de Brasília. Os operários comiam em refeitórios, não tinham casas, dormiam em beliches dentro dos dormitórios coletivos. Não usufruíam noites de lazer, nem mesmo acordavam tranquilamente com os “cantos dos passarinhos”, devido aos turnos de trabalhos emendados.

Figura 1 - Operários se apertam nas mesas do refeitório do Saps, na Candangolândia.



Fonte: Arquivo Público do DF.

Figura 2 - Típico aposento dos trabalhadores da nova capital, a maioria vivia em locais improvisados: barracões, acampamentos.



Fonte: Arquivo Público do DF.

Figura 3 - Operários de obras na Esplanada dos Ministérios fazem protesto.



Fonte: Arquivo Público do DF

A edificação da nova capital federal tem em sua história desigualdades, violência, controle sobre os trabalhadores. A GEB, ao utilizar da força extrema para repressão sobre os candangos, efetiva condições de disciplina no trabalho, forçando uma ordem para se obter a rápida construção da cidade, concretizar os “cinquenta anos em cinco”. Diante de tantas mazelas, os trabalhadores parecem prever a exclusão do espaço do Plano Piloto, como pode-se ver na declaração de um carpinteiro, publicada na Folha de S. Paulo de 22 de abril de 1960. Um carpinteiro goiano traz sua mulher e filhos para ver o Palácio do Planalto e declara: “Está quase tudo pronto. Daqui a alguns dias candango nenhum entra mais aqui”.

A fala do carpinteiro reverbera na lógica espacial de Brasília, que desde sua edificação evidencia uma segregação espacial, um contraste existente entre o Plano Piloto e as demais Regiões Administrativas. Podemos relacionar, também, a essa lógica a Região Integrada de Desenvolvimento do Distrito Federal (RIDE), popularmente conhecida como “Entorno”. É composta por três municípios mineiros (Unaí, Buritis e Cabeceira Grande) e 19 municípios goianos (Abadiânia, Água Fria de Goiás, Águas Lindas de Goiás, Alexânia, Cabeceiras, Cidade Ocidental, Cocalzinho de Goiás, Corumbá de Goiás, Cristalina, Formosa, Luziânia, Mimoso de Goiás, Novo Gama, Padre Bernardo, Pirenópolis, Planaltina, Santo Antônio do Descoberto, Valparaíso de

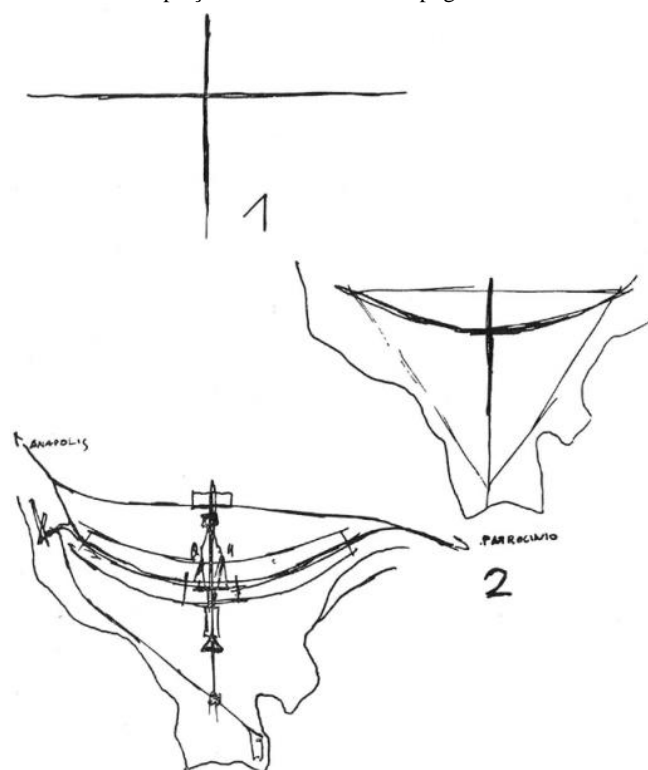
Goiás e Vila Boa). Dessa forma, a especulação dos terrenos está fincada na história de Brasília desde sua construção, o Governo Federal tinha a sua disposição e posse de toda a terra onde se construía o Plano Piloto, adquiridos por dois centavos de cruzeiro o metro quadrado, e vendia por 500 cruzeiros. Assegurando esses espaços para servidores públicos, empresários, a elite social da época, sem destinar algum espaço para a população excluída.

Com o findar da construção de Brasília, todos os acampamentos que estavam sendo de moradia para os operários tinham que ser demolidos. Muitos candangos foram desapropriados e forçados a irem para faixa periférica de Brasília. Porém alguns acampamentos resistiram e se desenvolveram em cidades como Paranoá, Núcleo Bandeirante, Vila Planalto.

Brasília foi concebida em meio a contrastes, entre a elegância de seus traços simples e o trabalho severo dos operários, prevista no discurso da integração nacional e repleta da segregação marcada em seu espaço e nas relações sociais. O plano original foi um sinal de demarcação de um local, com dois eixos se cruzando num formato de cruz (COSTA, 1991). Foi a modificação planejada da natureza, a imposição da técnica sobre o natural, a ocupação de áreas improdutivas e não ocupadas, criando uma paisagem e atribuindo-a novos significados. Teve preocupação com o monumental, no grandioso, em contraste com o Cerrado presente na paisagem natural e na arquitetura como escultura a ser admirada.

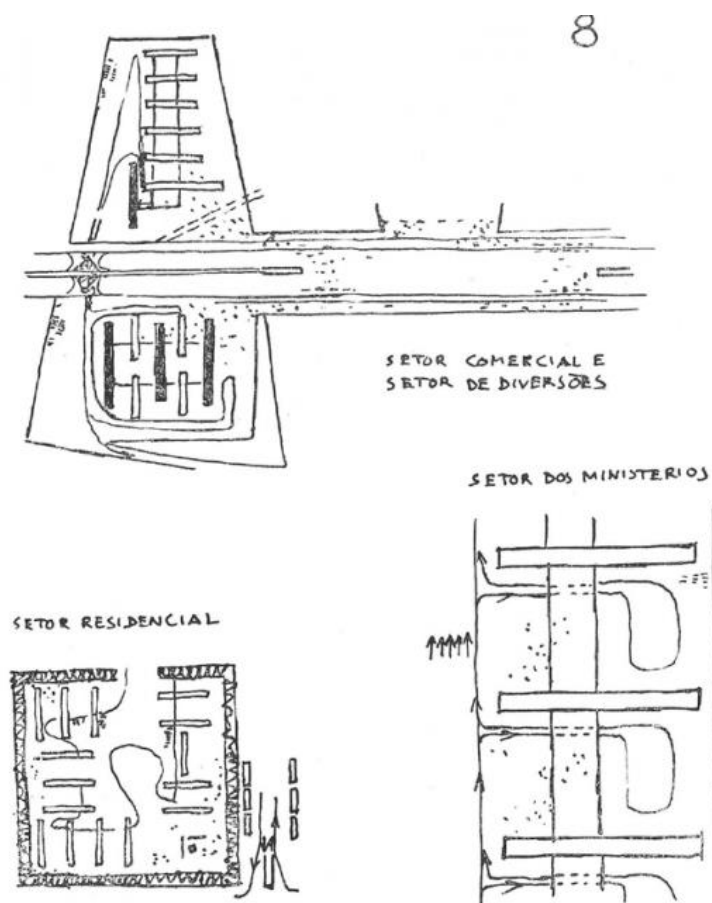
O plano urbanístico de Brasília ressalta em geometrizar o espaço. Seu espaço urbano é cortado por um eixo rodoviário que vai da extremidade da Asa Norte até à da Asa Sul, foi pensada nos moldes de uma lógica formal, dividiu-se a cidade em setores (hoteleiro, comercial, bancário, etc..). As quadras, diferentemente das demais topologias utilizadas no Brasil, são referenciadas por letras e números.

Figura 4 - Primeiros traços da malha urbana de Brasília. 1- Desenho formado pelo gesto primário de marcação de um lugar, formando o sinal da cruz. 2- adaptação das linhas retas à topografia local.



Fonte: Relatório do Plano Piloto de Brasília, Lúcio Costa.

Figura 5 - Representação dos setores de Brasília



Fonte: Relatório do Plano Piloto de Brasília, Lúcio Costa.

O eixo monumental, espaço no qual está situado o objeto de estudo, remonta bem a ideologia existente no plano urbanístico de Brasília, imenso e imponente. Caracterizado pelas suas ruas largas e gramados extensos, em seu final surge o Congresso Nacional com sua imponência de caracterizar ali o poder do Estado rodeado pelos Ministérios e outros Órgãos Estatais. Na extremidade está situada a Rodoviária do Plano Piloto, local de encontro das diversas rotinas do Plano Piloto e as Regiões Administrativas, antigas cidades-satélites. A seguir aprofundo na escala de análise do objeto do estudo, caracterizando o eixo monumental, paisagem a qual se integra a Catedral Metropolitana de Brasília.

1.3. O EIXO MONUMENTAL DE BRASÍLIA

O Eixo monumental está inserido na concepção das quatro escalas estruturais do plano urbanístico de Lucio Costa: a escala monumental é configurada pelo Eixo Monumental, desde a Praça dos Três Poderes até a Praça do Buriti; escala residencial, representa as superquadras da Asa Sul e Norte; a definida por gregária é constituída pela Plataforma Rodoviária e nos setores de diversão, comerciais, bancários, hoteleiros, em síntese, o espaço de convívio e convergência da população; a escala bucólica permeia as demais escalas e é constituída por áreas públicas, jardins, parques e praças.

O Eixo Monumental carrega em seu nome a ideia da concepção de Brasília, uma cidade monumental, grandiosa. A proposta original de Lúcio Costa tinha como intuito fazer-o de um corredor cultural. Sua arquitetura moderna é percebida na sua paisagem edificada. A reflexão desse estudo parte de um ícone religioso, a Catedral Metropolitana de Brasília, objeto dessa monografia. A Catedral é um edifício integrante da paisagem do eixo monumental, presente em meio ao símbolo do centro político-administrativo do país, precisamente em sua parte Leste, delimitada pela Praça dos Três Poderes em um extremo, no outro fica Estação Rodoviária do Plano Piloto. Os dois pontos são ligados pela Esplanada dos Ministérios.

A Praça dos Três Poderes, projetada por Oscar Niemeyer é um amplo espaço cívico que integra o poder executivo federal, representado pelo Palácio do Planalto; o poder judiciário federal, tendo como sede o Supremo Tribunal Federal; o poder legislativo representado pelo Congresso Nacional. Além das representações dos poderes estatais nacionais está incluída na praça diversos monumentos repletos de significados,

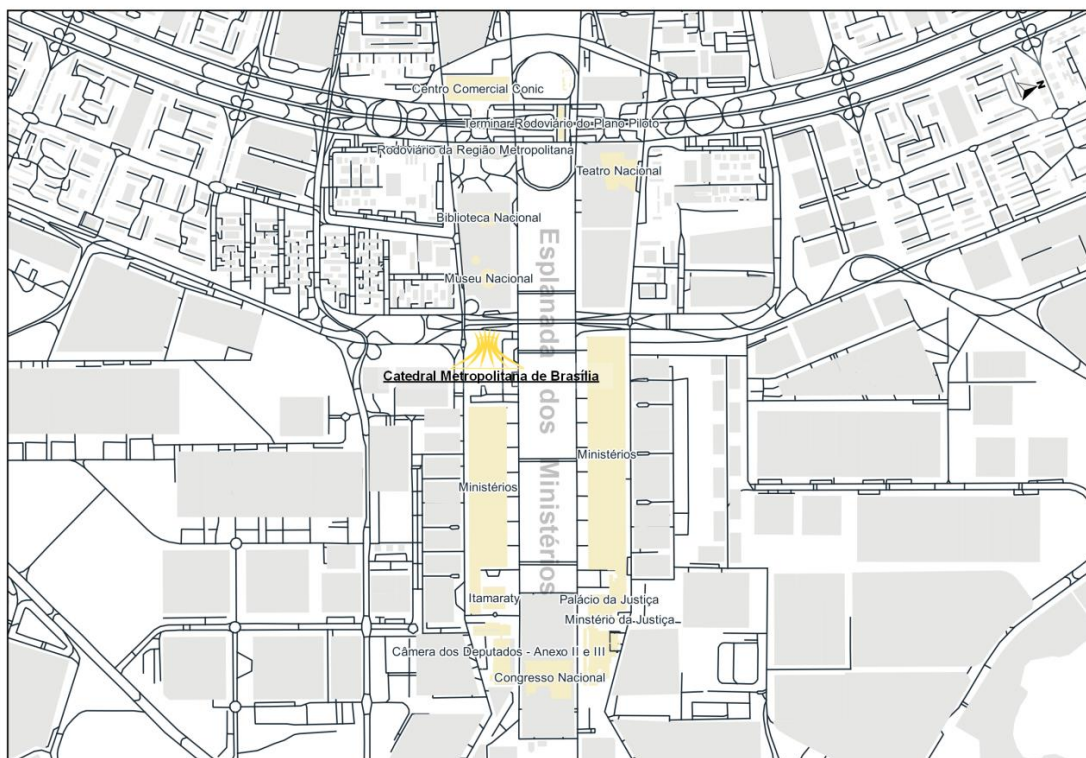
listo alguns: a escultura “A Justiça” de Alfredo Ceschiatti, “Os Candangos” por Bruno Giorgi, o Panteão da Pátria, entre outros.

O Congresso Nacional fica em frente a uma esplanada, essa denominada, atualmente, Esplanada dos Ministérios, de forma retangular com amplo gramado para pedestres, desfiles, paradas e intervenções populares, nesse local estão dispostos os ministérios e suas autarquias. No primeiro plano da paisagem, destaca-se o Palácio do Itamaraty, Sede do Ministério das Relações Exteriores do Brasil. A edificações da Esplanada dos Ministérios, estão situadas de tal forma, como afirma Bullón (2002) chamando de centro gravitacional, gerando uma perspectiva linear, tendo como foco central o monumental Congresso Nacional. Isso é condicionado pela forma arquitetônica uniforme dos edifícios idênticos e pelo vasto gramado com direção para o Congresso, de tal forma que o olhar é subordinado a perceber a paisagem dessa forma, no primeiro instante.

Na outra extremidade da Esplanada dos Ministérios, no ponto de convergência do Eixo Monumental com o Eixo Rodoviário está situada a Plataforma Rodoviária do Plano Piloto, o centro geográfico do Plano Piloto de Brasília. O projeto é de autoria de Lúcio Costa, sendo constituída por quatro plataformas. Na rodoviária percebe-se a urbanidade presente na cidade planejada para os funcionários públicos, devido à grande convergência e circulação dos moradores do DF e entorno. Esse ponto nodal no espaço de fluxo de pessoas e mercadorias, dos encontros cotidianos, impressa na paisagem uma multiplicidade de culturas, assim, faz do Plano Piloto espaço de vivência não apenas dos seus moradores, mas também de todos que constituem a força de trabalho da capital, dos descendentes dos candangos.

Assim, constitui a paisagem do Eixo Monumental. Em sua parte Leste, uma convergência de edifícios, de semelhante arquitetura, representantes do centro político-administrativo Nacional, e presente na mesma paisagem está o ícone do sagrado, a Catedral. Complementando esse cenário e dando vida ao espaço, as pessoas que circulam diariamente no centro geográfico do Plano Piloto, advindas de diversos locais da região metropolitana de Brasília e do Brasil. Após essa explanação do contexto histórico e socioespacial da construção de Brasília, o próximo capítulo abordará o objeto de estudo dessa monografia, a Catedral Metropolitana de Brasília.

Figura 6 - Cartograma da zona central de Brasília. Em destaque os edifícios que compõem o Eixo Monumental Leste (Esplanada dos Ministérios).



Fonte: Org. Arthur Pedrosa Fraiz vasques.

2. A CATEDRAL METROPOLITANA NOSSA SENHORA DA APARECIDA

Figura 7- Catedral Metropolitana de Brasília



Fotografia: Arthur Pedrosa Fraiz Vasques, 2018.

Após a explanação das ideias sobre a mudança da capital federal, chegando à escala de análise do objeto de estudo, nesse capítulo foco na análise do objeto, a Catedral de Brasília. Busco entendê-la como um monumento transmissor de significados, dentro de uma paisagem que adensa o campo simbólico, para depois relacionar o símbolo com a representação identitária com a cidade, interpretando-a enquanto geossímbolo.

A Catedral de Brasília é a estrutura monumental pensada e planejada por Oscar Niemeyer e sua equipe, assim como as outras edificações que constituem os três poderes brasileiros. A Catedral foi uma quebra de paradigma estético e estrutural, a primeira catedral moderna. Em relação a sua estética seu desenho desvincula-se da normalidade dos traços das catedrais pelo mundo e, para sua estrutura foi usada colunas curvas como estrutura de sustentação. Assim como na Catedral e nos demais edifícios que compõe os três poderes nacionais, a expressão da técnica do concreto armado e do pré-fabricado, no caso do Catedral a técnica plasticamente livre, foi a solução para sintetizar a grandiosidade e o simbolismo que a função social desse tipo de edifício requer, além de afirmar algo evidente nas grandes catedrais do mundo, de expressar o potencial tecnológico de uma época (MÜLLER, 2003). Isso é afirmado, também, pelo próprio Niemeyer quando deu uma entrevista para o Jornal “O Globo”, na qual lembra que as catedrais do passado, exprimiam o progresso da época em que foi realizada:

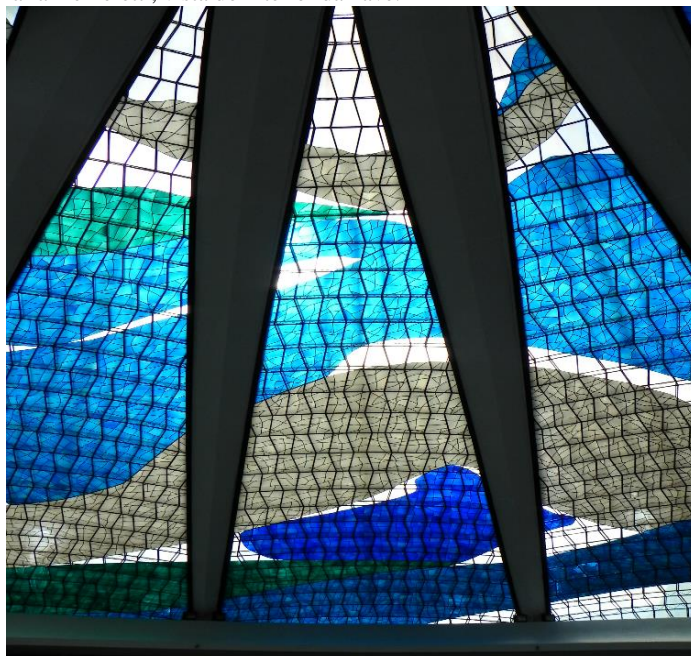
A Procura da solução diferente me dominava. Na Catedral, por exemplo, evitei as soluções usuais, as velhas catedrais escuras, lembrando pecado. E, ao contrário, fiz escura a galeria de acesso à nave e está toda iluminada,

colorida, voltada com seus belos vitrais transparente para os espaços infinitos.

Dos padres sempre tive compreensão e apoio, inclusive do Núncio Apostólico, que, ao visita-lo, não conteve seu entusiasmo: “esse arquiteto deve ser um santo para imaginar tão bem essa ligação esplêndida da nave com os céus e o Senhor (NIEMEYER, 1987)

A Catedral teve sua construção iniciada em 12 de agosto de 1958, antes mesmo da inauguração de Brasília, em 1959, sua base estrutural e os pilares de concreto armado já estavam prontos. Sua inauguração ocorreu em 31 de maio de 1971, tendo sua primeira reforma em 1987, para pintar de branco sua estrutura e foram acrescentados os vitrais coloridos, de autoria de Marianne Peretti (PORTO, 2007). A segunda intervenção foi em 2000, sendo que as reformas foram concentradas na estética do monumento.

Figura 8 - Vitrais de Marianne Peretti, vista do interior da nave.



Fotografia: Arthur Pedrosa Fraiz Vasques, 2018.

Em 1961, ocorreu uma proposta de tombamento encaminhada para Câmara dos Deputados que foi negada por se tratar de obra inacabada (SCOTTÁ, 2010), mas passados cinco anos, o tombamento foi efetivado. O edifício compõe o conjunto tombado pelo patrimônio histórico e artístico nacional e como monumento cultural da humanidade, pela UNESCO. A singularidade da arquitetura da Catedral é uma projeção de Brasília, igualmente singular. Essa obra arquitetônica, tão distinta, segundo PESSOA (2002), possuía uma concepção ecumênica, mas foi entregue a Igreja Católica que passou a administra-la.

A Catedral é a evidência da cultura religiosa percebida na paisagem, pode ser interpretada pelas formas visíveis da paisagem como na perspectiva tradicional vista nas obras de Carl Sauer. Para, além disso, devemos ver a paisagem como forma além do material, como um campo de amplo significado, com diversas dimensões de interpretação. Para Cosgrove (1998), a paisagem deve ser vista como um texto cultural, reconhecendo que um texto possui várias dimensões, oferecendo a possibilidade de diferentes leituras simultâneas e de igual valor.

Para tanto, ao entender a paisagem da Catedral como um fluxo de ideias e significados, devemos compreender as expressões impressas. Assim é preciso ter o conhecimento da linguagem empregada: os símbolos e seus significados da cultura (COSGROVE, 1998) no caso, a cultura representada na Catedral é de orientação religiosa, o catolicismo. Então, para entender relação sensível entre o símbolo e o seu referente, precisamos interpretar pelo universo de ideias na qual esse símbolo foi concebido.

Dentro da hierarquia dos templos católicos, a catedral é a principal igreja de uma diocese¹⁸, tendo um bispo associada a ela. Essa importância representa um grande papel de representação, de transmissão de significados de poder e reverência. Dessa forma, sua arquitetura, deve explicitar sua magnitude, mesmo que de forma minimalista, como no caso da Catedral de Brasília. As catedrais, são normalmente símbolos maiores das cidades no imaginário coletivo, são transmissores de significados que apoiam a construção da identidade coletiva da cidade.

O simbolismo na paisagem é sublime, mas mesmo assim serve ao propósito de reproduzir normais culturais e estabelecer os valores de certa sociedade (COSGROVE, 1998, p.106). Usando como exemplo a Catedral, sabe institivamente os limites de comportamento ou os códigos de condutas para convivência no lugar. Quando tais códigos são infringidos podem-se notar julgamentos dessas ações por parte de uma parcela de pessoas que possui o conhecimento ou está íntima da moralidade do lugar. O simbolismo está integrado à paisagem planejada da Catedral, pois mesmo sem o uso de avisos ou pessoas que vigiem as ações dos visitantes é perceptível o código de conduta do lugar.

¹⁸ Unidade territorial administrada por um bispo

2.1. A CATEDRAL NO CONTEXTO ESPACIAL DA REDE URBANA DE BRASÍLIA

Antes de entrar no mérito da Catedral enquanto símbolo, monumento, é válido refletir sobre sua centralidade na malha urbana do Distrito Federal, trazendo evidências sobre seu destaque. A Catedral é um símbolo presente na memória da população do DF, e sua localização em meio à malha urbana central é fator prepotente na relação dela com as pessoas, com isso, nessa parte do texto tratarei de entender a relação da Catedral com seu contexto espacial urbano. A Catedral metropolitana de Brasília está inserida na convergência dos fluxos da cidade, a zona central do Plano Piloto. Localidade de concentração de montantes de ocupações profissionais heterogêneas; local de encontro da população das regiões administrativas, cidades pertencentes a RIDE e moradores do Plano Piloto.

As regiões administrativas (antigas cidades satélites) de Brasília são frutos de uma política de planejamento urbano para fazer frente ao processo de invasões que a população (trabalhadores da construção) teve que se submeter ao serem expulsas dos canteiros ou das moradias improvisadas. Enquanto que o plano piloto era ocupado restritamente por segmentos da classe média: militares, funcionários públicos, empresários. Essa expulsão e realocação dos trabalhadores contradiz com a denominação dada a nova cidade: “capital da esperança”. A esperança se esvarreu com a política de ocupação urbana da NOVACAP de criação das cidades satélites, distantes e pobres de assistência estatal.

Dessa forma, a proximidade da catedral ao terminal rodoviário do Plano Piloto estabelece uma carga simbólica a ela em meio ao contexto da região metropolitana de Brasília. O monumento é presente na paisagem cotidiana no encontro de uma gama heterogênea da população do DF, dos excluídos aos incluídos. Torna-a um símbolo marcante na paisagem urbana da cidade, apreendido por pessoas pertencentes aos mais diversos grupos sociais que circulam pela zona central. Isso se dá pelo grande fluxo pendular de Brasília, ocasionando um deslocamento diário de um contingente imenso de pessoas ao plano piloto, e tendo a rodoviária como ponto central da rede de transporte urbano.

Fato esse que dá a esplanada dos ministérios (eixo monumental), fator de centralidade, não apenas no cenário política nacional, mas, também, na vida cotidiana

da população presente no plano piloto. Sua presença no imaginário coletivo da cidade é evidenciada pela convivência diária das pessoas com essa paisagem, por essa está estar presente no itinerário de deslocamento das pessoas.

O monumento localizado em meio à paisagem política do eixo monumental, mas numa praça autônoma isolada por alguns metros dos demais edifícios símbolos do poder Nacional, dividindo espaço e olhares entre os diversos monumentos que compõem a Esplanada dos Ministérios de Brasília. Fica evidente o destaque do monumento em contraste à composição homogenia dos edifícios dos Ministérios.

Um contraste que não se reduz apenas a forma das construções, também, na sua função social, na sua representação simbólica. Em meio às diversas construções representantes da política nacional, do controle estatal do territorial nacional, um símbolo religioso, estritamente representante da maior religião praticada do Brasil¹⁹, o catolicismo, tem localização destaque, diferente de outros símbolos religiosos.

2.2. A CATEDRAL METROPOLITANA DE BRASÍLIA COMO MONUMENTO

Para entender a catedral enquanto monumento é relevante buscar como essa abordagem é inserido na Geografia Cultural e como foi essa retrospectiva de transformações do conceito de cultura e seus atores. De forma geral, os estudos sobre os monumentos se deram a partir da renovação da Geografia Cultural, nos meados da década de 80 e 90 do século XX. Porém, a abordagem cultural da geografia tem seu surgimento no final do século XIX, sincrônico a Geografia Humana. Em primeira estância, para CLAVAL (2011) as análises passavam pela ótica positivista, fundamentadas no evolucionismo de Darwin, evidenciando um foco na relação dos grupos humanos e ambiente que habitavam daí a disposição de ignorar as dimensões simbólicas das ações humanas.

Mais tarde, nos anos 80 e 90 do séc. XX aparece uma nova Geografia oriunda de pensadores dos países anglo-saxônicos: Denis Cosgrove (1984) e James Duncan (1990). Esses autores propuseram uma nova abordagem nas representações simbólicas e tornaram relevante o âmbito simbólico de construções humanas. Nesse momento, a

¹⁹ Segundo o Censo de 2010, realizado pelo IBGE, a religião católica aparece com 64,6%. Sendo que o perfil religioso brasileiro manteve até 2010, a histórica maioria católica, o catolicismo vê perdendo adeptos desde o Censo de 1872

exaltação do “conteúdo simbólico das culturas” (CLAVALL, 2011, p.11) e das formas e suas representações na paisagem, evidenciando conflitos de poder e identidade. A análise parte de uma visão sistêmica, tanto da materialidade da cultura quanto sua dimensão imaterial (significados e representações), portanto, os aspectos objetivos e subjetivos eram analisados de forma conjunta e interligada, procurando compreender de forma holística as expressões culturais.

De forma crítica e dando importância aos símbolos, significados e representações da natureza e das construções dos seres humanos. As análises dos monumentos derivam desse enfoque na dimensão dos significados. Principalmente nas tensões existentes na construção, na localização e na iconografia dos monumentos. “Segundo Atkinson e Cosgrove (1998), o marco inicial de referência entre os geógrafos é o estudo de Harvey (1979) sobre a Basílica de Sacré Coeur de Montmartre em Paris, no qual o autor discute os embates políticos associados à sua construção” (CORREA, 2007, p. 9).

A Catedral vista por essa ótica é repleta de significados, surpreende em sua arquitetura, sendo assim, única com sua forma e estrutura nunca vista antes. Dessa forma, sua estrutura icônica fez com que os profissionais brasileiros fossem valorizados no cenário mundial, afirmando a competência dos engenheiros da época (PESSOA, 2002), incluindo a obra à memória da Engenharia Brasileira pela Câmara Brasileira da Indústria e Construção.

Sua Base estrutural é formada por 16 pilares, distribuídos em uma planta circular de 70 metros de diâmetro curvos apoiando uma laje de cobertura logo abaixo do topo dos pilares. Primeiramente, sua estrutura conteria 21 pilares e altura de 40 m, porém foram reduzidos por motivos estéticos para 16 pilares e a altura de 30 m. Niemeyer, conseguiu, primordialmente, representar os espaços da Catedral como sagrado de uma forma simples. O significado projetado ao edifício como sendo a “casa de Deus” foi realizado sem necessitar de símbolos religiosos, em sua concepção, Niemeyer, evidencia esse caráter apenas na sua forma arquitetônica (Niemeyer, 1970).

A Catedral enquanto monumento amplia o âmbito simbólico da paisagem, dotando-a de símbolos, e conseqüentemente, ampliando seus significados. Segundo CORREA (2007), os monumentos são formas simbólicas representantes de eventos passados materializados no presente. Estão inseridos dentro dos espaços públicos

urbanos, integrando de forma marcante essas paisagens, compondo uma rica, densa e polissêmica paisagem urbana.

Portanto, os monumentos são construções humanas para além de sua função estética. São fixos, de fácil viabilização e, portanto, são fortes perpetuadores de valores gerais de uma sociedade e representantes de uma cultura dominante. Como afirma Corrêa (2005), identidade e poder parecem ser as palavras-chave em torno das quais aquelas representações materiais foram produzidas.

Dentre muitas funções atribuídas aos monumentos, faço menção à seleção feita por Corrêa (2007), em seu artigo “Uma sistematização da análise de monumentos na Geografia”. No qual, o autor traz reflexões a partir de uma bibliografia de geógrafos que analisam os monumentos, tentando sintetizar uma sistematização do conhecimento. As funções concebidas pelo autor são reconhecidas de forma isolada ou combinadas:

i – Perpetuar antigas tradições consideradas positivas, tanto para o presente como para o futuro. ii – Fazer parecer antigo aquilo que é novo e considerado necessário para o presente e o futuro. A força da tradição, mesmo inventada, asseguraria alcançar os objetivos desejados. iii – Transmitir valores de um dado grupo como se fossem de todos. Esses grupos podem ser religiosos, étnicos, raciais e sociais. iv – Afirmar a identidade de um grupo religioso, racial ou social. Neste caso, como no anterior, relações de poder estão presentes na concepção e construção de monumentos. v – Glorificar o passado, acentuando os seus valores, pensando no presente e mesmo no futuro. vi – Sugerir que o futuro já chegou, sendo portador de novos sentidos, vinculados, via de regra, ao progresso e à harmonia social, construídos pelos grupos socialmente poderosos do presente. vii – Criar “lugares de memória”, cuja função é a de coesão social em torno de eventos de um passado comum. (CORREA, 2007, p.10)

Visto essa sistematização, destacarei algumas funções que são presentes na Catedral. Sua característica destaque dentro da paisagem de Brasília torna sua transmissão de valores mais abrangente, podendo chegar a uma gama grande e heterogênea da população, sua transmissão de valores e significados enquanto monumento representante de uma cultura dominante, catolicismo, passa como se fossem de todos. Em sua concepção a Catedral era pra ter característica ecumênica, porém a Igreja Católica se deteve da administração do monumento, reivindicando sua concepção, evidenciando a relação de poder na construção do monumento.

“Os monumentos, contudo, enquanto construções sociais, politicamente concebidos, são portadores de ambiguidades” (Correa, 2005, p.10). O autor evidencia que a capacidade do monumento de comunicar aquilo que deseja no momento da sua

concepção é limitado e passível de contestação. São atribuídos ao monumento, diversos significados dentro das diversas representações que ele pode ter. O significado enquanto concebido pelos idealizadores do monumento é passível de contestação das interpretações populares, surgindo assim, novos significados.

A Catedral nessa perspectiva sendo a síntese de uma paisagem cultural, planejada e construída para fim, carrega em si, vários símbolos e significados. É uma construção social, concebida pelos idealizadores e planejadores com intuito e viés, porém a percepção advém de quem o observa e vive, não sendo assegurado o significado primário na sua construção. Dessa forma, exalta dos monumentos, como a Catedral, sua plurivocalidade, “contrapondo celebração e contestação” (CORREA, 2007, p.11)

Se restringirmos Brasília ao plano piloto – asa sul e asa norte - e analisarmos sua arquitetura, podemos notar que a cidade monumental leva esse seu nome devido as suas proporções e distancias dentro da sua lógica geométrica e, inclusive, por ser uma cidade repleta de monumentos de diversas conotações, ideias e significados. A Catedral destaca como primeira catedral moderna, um ícone religioso de arquitetura impar diferenciando em meio à homogeneização das formas dos edifícios da esplanada dos ministérios. Traz consigo símbolos religiosos, representando significados e sensações do planejador da Catedral, que em meio a um Brasil, construído em bases cristãs, transmite uma mensagem e significado que pode ser percebido ou não. A percepção vai passar pela ótica do observador que sutilmente pode perceber o monumento enquanto o idealizado e planejado ou devido as diferenças contextuais pode obter uma percepção que difere do original.

A Catedral é uma forma simbólica, uma representação da realidade resultante do processo de construção e comunicação dos significados de um mesmo grupo cultural. Segundo (Correa, 2007, p. 7), “As formas simbólicas, materiais ou não, constituem signos construídos a partir da relação entre formas, os significantes, e os conceitos, os significados”. Concorro nas diversas maneiras de interpretação dos significados, mas aqui ressalto a importância da construção dos significados a partir das experiências de quem observa as formas simbólicas, dessa forma, surgindo o sentimento pela forma simbólica.

Monumentos em geral representam formas simbólicas espaciais e a localização e os itinerários atribuem o caráter espacial a eles. A relação entre o espaço e as formas é dialética, assim, as formas simbólicas atribuem de significado pela localização e/ou itinerário, ou mesmo, incorporam novos atributos aos lugares e itinerários, caracterizando essa relação de mão-dupla. Como explicita Correa:

As formas simbólicas espaciais se realizam, enquanto tais, em grande parte, em razão da localização e itinerário que cada uma apresenta. Localizações e itinerários, por sua vez, são marcados pela presença de formas simbólicas. Assim, as formas simbólicas podem incorporar os atributos já conferidos aos lugares e itinerários, como estes podem, por outro lado, beneficiar-se ou não da presença de formas simbólicas. (CORREA, 2007, p.9)

A localização da Catedral traz consigo a paisagem que a envolve carregada de símbolos políticos. “Pode-se falar em políticas locacionais das formas simbólicas, vem do intuito de desejar que as formas simbólicas possam cumprir seu papel eficientemente a qual foram concebidas” (CORREA, 2007, p.9). As formas simbólicas, possuem três tipos de localização:

Uma forma simbólica tem uma localização absoluta, um sítio onde ocorreu um dado evento considerado significativo ou que se deseja transformar em local de celebração, contestação ou memorialização, por apresentar um potencial positivo para este fim. As formas simbólicas, por outro lado, têm uma localização relativa, associada à visibilidade, mas, sobretudo, à acessibilidade face a toda a cidade ou espaço regional ou nacional. Esta acessibilidade é um dos meios mais importantes para que as formas simbólicas possam transmitir as mensagens que delas se espera. Finalmente, as formas simbólicas apresentam uma localização relacional, isto é, são localizadas em relação a outras formas simbólicas que denotam interesses divergentes: a localização delas enfatiza um conjunto de valores que é referenciado a um dado espaço, ao qual opõe-se outro espaço. (CORREA, 2007, p 9)

A localização absoluta da catedral é vista como um local transformado para celebrar e memorização da construção de Brasília. Para tanto, está localizada dentro da nave da catedral, a cruz da primeira missa realizada em território brasileiro, em 03 de maio de 1957. A celebração é feita cotidianamente, com missas e cultos católicos. Em relação a sua localização relativa, a catedral está localizada próximo o terminal rodoviário de Brasília dentro do centro administrativo-comercial da cidade, portanto, de maior acesso e visibilidade e acessibilidade, atribuindo ao monumento uma localização que permite que diversas pessoas o observem e percebam. O último tipo de localização, a relacional, está relacionado ao fato de a Catedral estar localizada entre outros monumentos, muitos símbolos do Estado e da política estatal. Diferenciando nos valores e significados contribuindo para um contraste dentro da paisagem. Opondo-se em seus

significados, porém presentes numa mesma paisagem produz-se uma composição interessante de se perceber, um símbolo religioso, estritamente representante de uma religião, coexistindo com vários símbolos da política nacional.

Assim como o Catedral outros símbolos da religião católica estão espalhados em todo o território nacional, afirmando a ideia de que o Brasil é um país católico. Dentre esses diversos símbolos, um que representa bem a tentativa da política de criação de uma identidade católica brasileira é o Cristo Redentor, localizado no Rio de Janeiro, um símbolo representante da cidade. A gigantesca estátua fica localizada no alto da Tijuca, bairro da metrópole carioca. A estátua foi uma forma que a igreja católica achou para reafirmação da soberania católica em função das diversas praticas religiosas encontradas do Brasil.

A partir do enfraquecimento das relações entre Estado e a Igreja católica, a instituição religiosa teve como alternativo implementar um símbolo como marco na paisagem de umas das metrópoles mais antigas do Brasil, para uma tentativa de afirmar a identidade católica da nação brasileira:

Intelectuais católicos, reunidos em torno do Círculo Católico, idealizaram na década de 1920 um monumento como um meio de reafirmar a visão do Brasil como um país católico. a despeito da República ser dominada pelas ideias positivistas e da separação em 1890 entre Estado e Igreja. A forma simbólica escolhida foi uma estátua representando Cristo Rei, uma devoção instituída pelo Papa Pio XI na década de 20. A estátua foi concebida para se localizar em um espaço aberto, em local que, desde a década de 1880, graças a uma pequena ferrovia que subia o Maciço da Tijuca, tornara-se local de lazer para parte da população carioca. Sua localização e escala são meios para que o papel que se esperava da forma simbólica fosse efetivado. A estátua seria vista por toda a cidade (CORREA, 2007, p.12)

Para tanto, a construção da Catedral Nossa Senhora da Aparecida é recente em comparação a todo o percurso da Igreja Católica para construção de uma identidade nacional. Mas a reivindicação do monumento, pela Igreja Católica, reafirma essa política da instituição em expandir o catolicismo como maior religião do País, e da sua pretensão em colaborar com a identidade nacional.

Para o próximo capítulo foco na análise da Catedral enquanto objeto de conteúdo religioso, analisando-a enquanto espaço sagrado com seus objetos reverenciando a religião católica e seus significados.

2.3. CATEDRAL COMO OBJETO DE CONTEÚDO RELIGIOSO

A Catedral enquanto edifício cristão possui o papel de ser o espaço do sagrado, local de referência e orientação, onde ocorre à manifestação do sagrado, a hierofania²⁰. O ponto de referência do ser religioso, possibilitando sua orientação. Assim, a forma da catedral possui uma conotação de conexão com o sagrado, sua arquitetura externa remete a de duas mãos erguidas para os céus, para de encontro ao divino, identificando o local como ponto de referência.

Por ter orientação religiosa, a Catedral possui objetos que afirmam esse local como lugar de manifestação da crença católica. Sua forma e seus objetos internos e externos remontam aos significados presentes no universo de significados dos católicos. Esses objetos sagrados tratam de representar e materializar: passagens da bíblia, protagonistas e representantes do divino. Para dessa forma, criar um elo entre os católicos e o lugar de forma consistente, onde os crentes da religião, possam estar rodeados com aquilo que represente sua crença, seu universo de significados religiosos. Tornando o lugar um local de orientação e ligação com o sagrado.

Os vitrais utilizados na sua composição, de Marianne Peretti, permitiram uma nova possibilidade de utilização da luz que agradou a comunidade cristã: os representantes do papa e aos crentes. Os vitrais transparentes permitem que o olhar se volte para o céu, para o infinito, o local do divino (Niemeyer, 2000). Niemeyer ao planejar a planta abaixo do térreo cria um contraste de claro com escuro, exprimindo uma sensação de desafio e bem-aventurança a quem entra na nave da catedral. Diferente das demais catedrais do mundo, a Catedral foi construída utilizando da claridade, dando a ideia de que ao entrar na Catedral você sai das trevas da ignorância para a luminosidade do conhecimento cristão. O rebaixamento cria um isolamento do lugar com o mundo, colocando os fies afastados do mundo profano.

O acesso ao interior da Catedral é feito por um caminho ladeado. Atuando como pórticos, estão às quatro esculturas de bronze de três metros representando os quatro evangelistas Mateus, Marcos, Lucas e João. Dessa forma, afirmo com Ferreira e Maciel (2008) que as estátuas foram inseridas em lugar de “porta-vozes” na fronteira entre o

²⁰ “A fim de indicarmos o ato de manifestação do sagrado, propusemos o termo hierofania. Este termo é cômodo, pois não implica nenhuma precisão suplementar: exprime apenas o que está implicado no seu conteúdo etimológico, a saber, que algo de sagrado se nos revela” (ELIADE, 1992, p.17).

local externo a Catedral e o interior da nave. As estatuas possuem formas diferentes, representando nelas significados distintos que atribuem a cada santo representante. Os valores simbólicos representados são sutis, percebidos por grupos de pessoas que compartilham das ideias do cristianismo. De modo que passem despercebidos para pessoas fora desse sistema de pensamento.

Figura 9 - Conjunto de esculturas localizado na frente da entrada da Catedral representam S. Mateus, S. Marcos, S. Lucas, S. João.



Fotografia: Arthur Pedrosa Fraiz Vasques, 2018.

Figura 10 - Detalhe das quatro esculturas representando os evangelistas.



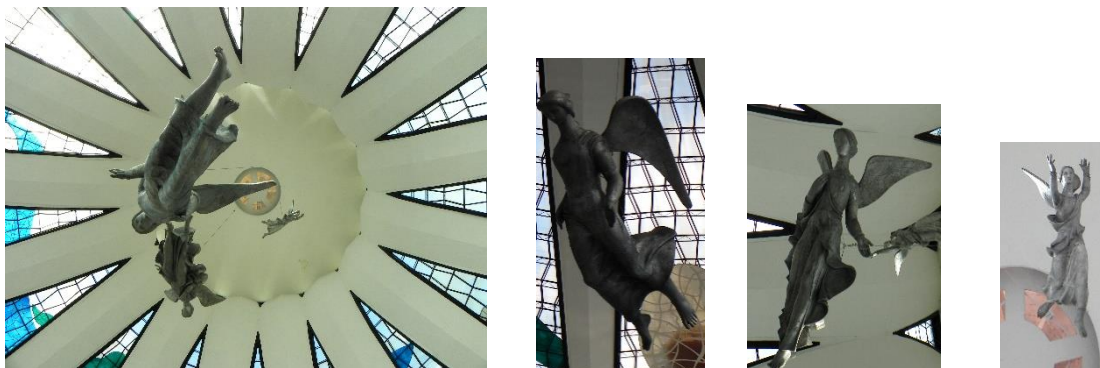
Fotografia: Arthur Pedrosa Fraiz Vasques, 2018.

De acordo com Ferreira e Maciel (2008):

Elas foram dispostas dessa forma para ressaltar a diferença existente em seus Evangelhos. Os três primeiros evangelistas reuniram, completaram e editaram os assuntos que formavam a catequese existente em suas comunidades de formas semelhantes. O apóstolo João expressou-se de outra forma, seu evangelho é completamente diferente dos demais na estrutura e na forma de relatar, não seguindo a mesma ordem dos acontecimentos, diferindo na linguagem e no estilo de escrita. As quatro esculturas que marcam e abrem o caminho para entrar na Catedral diferenciam-se, ainda, pelas roupas, pela posição das mãos e pela maneira de apresentar o pergaminho.

Suspenso no teto por cabo de aço, as três esculturas representando os anjos estão situados no centro da nave de autoria de Alfredo Ceschiatti, datadas de 1970. Elas representam os Arcanjos São Miguel, São Rafael e São Gabriel portadores das palavras de fé anunciadas pela Bíblia. A disposição das peças e suas escalas diferentes transmitem movimento às peças, dando a sensação que os anjos estão descendo dos céus a encontro do público presente na Catedral. “As dimensões e peso das esculturas em duralumínio são de 2,22 m de comprimento e 100 kg a menor, 3,30 m de comprimento e 200 kg a média e 4,25 m e 300 kg a maior” (LIMA, 2013, p.87)

Figura 11 - Conjunto das três esculturas, representando três anjos, localizados no centro da nave. Destaque das três das esculturas.



Fotografia: Arthur Pedrosa Fraiz Vasques, 2018.

No interior da nave incrustados no revestimento de mármore na parede do coro, se encontram os quinze óleos sobre tela representando a Via Crucis e a Ressurreição de Jesus, pintados por Emiliano Di Cavalcanti. Medem 0,60 m x 0,60 m. Próximos ao coro, ainda no interior da nave, estão localizados em um pilar triangular, dez pinturas figurativas em acrílico de Athos Bulcão, representando a presença da Virgem Maria nos evangelhos.

Figura 12 - Destaque das figuras de acrílico, representando as passagens de Maria na Bíblia.



Fotografia, Arthur Pedrosa Fraiz Vasques, 2018.

Figura 2 - Figura 3 - Destaque da Via crucis, localizada na parede do coro dentro da nave.



Fotografia, Arthur Pedrosa Fraiz Vasques, 2018.

Niemeyer, projetador do monumento, deu liberdade para os artistas convocados implementarem os objetos simbólicos, porém ordenou em função da configuração espacial da Catedral a localização das obras, dessa forma as obras plásticas estabelecem relação de escala e centralização com a arquitetura da nave da Catedral. Dessa forma, esse símbolos e a forma estrutural integram o mapa de signos que a Catedral possui, alimentando o campo de significados a qual ela transmite como monumento público.

A interpretação da Catedral a partir de seus objetos, forma e estrutura remete a tentativa de entendê-la pelo viés da objetividade. Procuo elencar os aspectos materiais e imateriais numa escala de mesma importância para síntese da análise, compreendendo a paisagem da Catedral de forma sistemática na qual esses aspectos sejam percebidos de forma integrada. Como afirma MAYRINCK (2001), sendo a paisagem percebida pelo indivíduo não como uma soma de objetos próximo um ao outro, mas de forma simultânea. Dessa forma, a apreensão da paisagem é holística.

A natureza da paisagem é transformável e a paisagens são construídas socialmente inseridas num contexto histórico. De outra parte, que a paisagem elaborada na consciência humana, sua percepção e compreensão perpassam pelos costumes, crenças, conhecimentos do ser humano. Para o entendimento da codificação da paisagem, dos seus significados, deve considerar o sujeito que a observa. A Paisagem vai existir a partir do indivíduo, dos processos de captação e entendimento que promoverá arranjos e

conteúdo, dando forma aos elementos e processos. A Paisagem pode ser vista, denotada pela Morfologia e conotada pelo conteúdo e processo de captura e representação. A paisagem como representação resulta da apreensão do olhar do indivíduo, que, por sua vez, é condicionado por filtros dos sentidos, psicológicos, socioculturais e econômicos, e da esfera da rememoração e da lembrança recorrente (GOMES, 2001).

Após essa explanação da simbologia da forma e de alguns objetos de cunho religioso da Catedral, no próximo capítulo trato de entender a Catedral como geossímbolo de Brasília, a fim de entender a relação dele com a identidade das pessoas.

2.4. CATEDRAL ENQUANTO GEOSSÍMBOLO DE BRASÍLIA

A Catedral é uma forma simbólica que dentro da paisagem é um expressivo comunicador de significados para os habitantes de Brasília. Dessa forma um geossímbolo que perpetua uma visão de mundo destacado pela sua materialidade na superfície terrestre. Esses elementos simbólicos atribuem significados a paisagem, de forma que carregue vivências e valores das pessoas. Uma conexão com a memória da pessoa é estabelecida, representando histórias coletivas ou individuais, dando sentido à realidade vivida, criando uma identidade coletiva local. Para BONNEMAISON (2002, p.109) “um geossímbolo pode ser definido como um lugar, um itinerário, uma extensão que, por razões políticas, religiosas ou culturais, aos olhos de certas pessoas e grupos étnicos assume uma dimensão simbólica que os fortalece em sua identidade”.

Os geossímbolos fortalecem as memórias coletivas dos agrupamentos humanos, reverberando nas memórias individuais das pessoas e reforçando as relações sociais e de identidade. Fortalecem as representações das vivências que envolvem a vida cotidiana, dão sentido a paisagem que envolve o ser humano que cria uma ligação forte com a memória. Os geossímbolos materializam sentimentos e percepções, apoiando nas relações entre os seres humanos e suas paisagens de forma que englobem um conjunto de atributos que estruturam a paisagem simbolicamente. Com um simples ato de observar a paisagem permite que a interpretemos de várias formas, decodificando vários significados. Porém, o tempo é contribuinte para as múltiplas interpretações e para a criação do vínculo com a paisagem, criando um elo emocional, revelando sentimentos que se intensificam com a experimentação e vivência da paisagem.

As paisagens fomentam maior força e luminosidade para os geossímbolos. Essa categoria de análise é imersa em significados, tendo o símbolo como “uma maneira efetiva de conhecimento relacionada à experiência vivida.” (Pessanha, 2016, p.124). Revelando características próprias de uma certa cultura, seus valores que são impressas no geossímbolos e que dão maior significância as paisagens

Então, a relação dos significados e representações de vivências com um determinado grupo ou comunidade pode tornar qualquer forma simbólica um Geossímbolo, entretanto, que esteja vinculado a uma determinada paisagem. Pois, “todas as paisagens possuem significados simbólicos porque são de produto da apropriação e transformação do meio ambiente pelos homens” (COSGROVE, 1998, p. 108). Dessa forma, a identidade de um certo grupo humano é evidenciada também por meio dos geossímbolos e nas ações dos indivíduos de uma determinada sociedade que registram suas marcas culturais que acabam por identificar e singularizar suas paisagens em relação às demais.

Assim, como afirma BONNEMAISON (2002), aos olhos de certas pessoas e grupos um símbolo pode ser tornar Geossímbolo e fortalecer a identidade desse grupo. Os diversos grupos religiosos existentes em Brasília percebem a Catedral de uma única forma? Podem perceber de maneiras diferentes o símbolo, com isso, a Catedral, enquanto geossímbolo é restrita a certos coletivos de pessoas. Portanto, a Catedral não será um geossímbolo unânime para toda a população de Brasília.

Brasília pode ser considerada nova em relação as outras metrópoles brasileiras. Nasceu da convergência de diversos povos que se empenharam e se aventuraram no inóspito planalto central para construção da nova capital Federal. Trouxeram contigo traços culturais das diversas localidades que vieram, assim com as lembranças dos seus geossímbolos. Com tudo, a nova vida atrelada a nova cidade fomenta a (re)construção de novas práticas culturais e novos geossímbolos evidenciados na paisagem. Revelando novos significados e sentimentos das vivências dos moradores.

O geossímbolo é “uma forma de linguagem, um instrumento de comunicação partilhado por todos e, em definitivo, o lugar onde se inscreve o conjunto da visão cultura” (BONNEMAISON, 2002, p.124). Decorre disso que cada grupo social possui

uma interação particular com o geossímbolo, ou mesmo a pessoa particularmente pode dar mais importância para o símbolo que as outras pessoas de seu grupo social.

Para tanto, a diferença teológica entre as religiões é evidente, com isso muda-se fundamentos, crenças, ritos e símbolos sagrados na qual vai a pessoa vai se firmar, enquanto atuante na religião. Essas diferenças modificam a percepção da pessoa sobre o signo religioso, de tal modo que a Catedral possa variar entre um símbolo religioso identitário ou pode-se negligenciar esse símbolo pelo seu viés católico. Para as mais diversas pessoas crentes das outras religiões existentes em Brasília, a Catedral, enquanto símbolo, pode ser percebida enquanto geossímbolo, ou não haver nenhuma relação, essencialmente afetiva devido aos dogmas previstos na sua religião.

Concluo o aparato teórico e contextual sobre a Catedral. Para o próximo capítulo, evidencio a representação do monumento e geossímbolo para a população, essas informações para compreensão dos significados da Catedral foram obtidas por meio de questionário. Para fim entender a transmissão de múltiplos significados da Catedral inserida na paisagem da esplanada dos ministérios para as pessoas.

3. A REPRESENTAÇÃO DOS SIGNIFICADOS

Para entender a relação da população com a Catedral, foi feita uma pesquisa em campo com a utilização de um questionário (APÊNDICE 1) para chegar aos fins desejados, nesse caso, compreender os significados existentes ou não da Catedral para as pessoas. Busquei recortar a pesquisa a partir da religião/crença das pessoas, para dessa forma entender como os significados transmitidos por um monumento religioso se diferenciam entre as pessoas e seus direcionamentos religiosos.

A coleta de informações foi feita no período entre 29 de outubro de 2018 a 4 de novembro do mesmo ano, me restringi, especialmente, a aplicar os questionários em localidades centrais e próximas da Catedral, inclusive na frente do monumento. As áreas próximas a Catedral como o terminal rodoviário de Brasília e o conglomerado de edifícios, conhecido como CONIC, foram escolhas por serem zonas centrais da cidade e aglomerarem uma diversidade de pessoas, vindas de diversas regiões administrativas e cidades do entorno do Distrito Federal. O período no qual foi feito a pesquisa, foi contemplado por um evento nacional de grande importância, o segundo turno das eleições para presidente da república federativa do Brasil, este evento influenciou na aproximação com as pessoas, complicando a obtenção de respostas pro questionário.

Alguns percalços existiram na finalização dessa pesquisa. Em relação ao questionário, primeiramente, não foi viável fazer entrevistas que seriam melhores para obter informações mais detalhadas sobre a Catedral. A escolha pelo questionário foi feita baseado nos seguintes critérios: O tempo requisitado ao entrevistado para responder tinha que ser mínimo, necessitando de algo rápido e objetivo, imaginando já que o interesse dos entrevistados por responder seria pequeno por diversas razões, principalmente pelo tempo da rotina de cada pessoa; uma entrevista ou questionário aberto poderiam sugerir qualquer tipo de resposta, ocasionando numa fuga do tema e do propósito do questionário, além de dificultar a interpretação posterior; um maior número de opiniões pelo fato de ser pequeno e objetivo. Além desses motivos para escolha do tipo de pesquisa que foi feita, outro grande embate foi como indagar a população sobre o conceito de geossímbolo, sem cita-lo no questionário. Tarefa complexa, para um simples questionário de menos de dez perguntas, porém foi suprida, não idealmente, mas com precisão.

Dessa forma, o questionário aplicado ficou composto por nove questões, às primeiras quatro questões são compostas por perguntas com intuito de confeccionar um perfil dos entrevistados, as outras quatro perguntas estão relacionadas aos significados da Catedral que correspondem aos objetivos desse trabalho: a **questão 5** foi construída para determinar se a pessoa conhecia a Catedral e se já visitou-a; a **questão 6** relaciona-a com o objetivo de determinar se a Catedral transmite significados enquanto monumento; a **questão 7** tem como objetivo determinar se existe uma relação de identificação da pessoa com a Catedral e, dentre os motivos citados, qual desses criam essa relação, assim perceber os significados da Catedral como Geossímbolo; a **questão 8** foi construída para que se responda outros significados, inclusive foi deixada a última alternativa aberta pra escrita das pessoas, essa questão relaciona com todos os objetivos do trabalho, além de evidenciar outras percepções. A última é uma pergunta, **questão 9**, para que o entrevistado determine sua religião/crença, fator norteador da reflexão sobre os significados transmitidos. O questionário foi construído de forma quantitativa, porem as informações adquiridas nele foram utilizadas de forma qualitativa.

2.5. PROCEDIMENTOS DE CAMPO

A aplicação do questionário em campo começou no sábado, dia 27 de outubro de 2018, os locais percorridos para aplicação do questionário estão inseridos na zona central de Brasília. Espaço marcado pelo trânsito intenso da população do Distrito Federal como um todo. Fato esse, importante para escolha dos locais da aplicação do questionário.

O questionário, mesmo pequeno, não foi respondido por todas as pessoas que foram abordadas. No total, 184 pessoas foram abordadas, porém obtive respostas de 85 pessoas. Muitas razões podem ser justificativas para a indisponibilidade das pessoas para responder o questionário: A velocidade e alta carga de tarefas na rotina das pessoas restringem o tempo para qualquer atividade fora da normalidade, mesmo que essa tarefa seja responder um questionário que leva menos de cinco minutos para ser respondido; muitas pessoas que foram abordadas estavam caminhando, correndo para ir ao trabalho, voltando do almoço, atrasado para algum compromisso, ou qualquer outra tarefa rotineira, dificultando a obtenção de respostas ao questionário. Ao observar essa complicação me dirigi às filas destinadas ao ingresso no transporte coletivo, na rodoviária, e nas lojas, localizadas no CONIC, onde as pessoas estavam à espera,

usando dessa “pausa” no tempo de deslocamento das pessoas para conseguir mais respostas para o questionário.

A maioria das pessoas que responderam questionário não possuem ou estão fazendo graduação em alguma faculdade/universidade. Além da falta de tempo, a escolaridade das pessoas dificultou na obtenção de respostas, não de forma que o questionário esteja complexo o bastante para ser restrito a universitários ou integrantes da academia, ao contrário, está simples e objetivo. Mas alguns entrevistados se diziam incapazes de responder, sem ao menos escutar sobre o questionário, ao saber apenas que era um questionário de cunho universitário, para conclusão de uma graduação, automaticamente, essas pessoas, respondiam de forma defensiva que não conseguiriam responder. Exemplificando isso, me foi dito por um senhor que ele não era capaz de responder ao questionário, essas foram suas palavras: “Eu não tenho cultura pra isso”. Algumas dessas pessoas responderam depois de alguma insistência, depois de explicação breve sobre o objetivo e mostrando que sua opinião era de muita valia para a pesquisa. Ficou evidente a importância de evidenciar o protagonismo dessas pessoas na conclusão da minha pesquisa.

Como mencionado no começo deste capítulo, as entrevistas foram feitas próximas ao segundo turno das eleições para presidente do Brasil. Esse evento nacional, de grande magnitude, afetou, também, na obtenção de respostas, pois muitos tinham a impressão que eu estava fazendo pesquisa sobre os candidatos à presidência, mesmo antes de eu explicar já se negavam a entender o motivo do questionário. Com ficou explicitado na fala de uma dessas pessoas: “eu não sei qual lado está certo”. Isso foi falado antes da explicação sobre o motivo do questionário, assim que eu me apresentei. Essa fala foi usada para esquivar de uma possível pesquisa eleitoral ou de cunho político. Infelizmente para essas pessoas e algumas outras, não foi possível aplicar o questionário.

Durante o período descrito da pesquisa, obtive informações validas, mesmo com os percalços envolvidos na aplicação do questionário. As questões eram simples, mas por meio delas obtive informações necessárias para entender as significâncias dadas a Catedral pelas pessoas. Da mesma forma que o questionário tem o intuito direto de obter informações das pessoas, indiretamente por meio dele, consegui obter informações mais profundas e detalhadas. O questionário, dessa forma, serviu de abertura para

conversas informais sobre a Catedral, evidenciando algumas reflexões de grande importância para a conclusão desse trabalho. Mostrou, também, como a Catedral para algumas pessoas é um símbolo mais marcante que para outras, de certa forma, essas pessoas já refletiram sobre o monumento e sobre seus significados. Essas conversas me mostraram outros lados da representação da Catedral, fugindo de um escopo apenas religioso ou arquitetônico, evidenciando outras camadas de significados que a Catedral pode possuir. Devido ao questionário pude entender a partir da população, realizando a proposta do presente trabalho, de ver o objeto pela interpretação dos habitantes da cidade.

A pesquisa de campo *in loco* me permitiu presenciar duas características do monumento, suas duas funções. Primeiramente no sábado, o monumento, ainda que católico, conseqüentemente, de cunho religioso, é frequentado principalmente por turistas, passando a ter outros significados para quem vai lá. Mas o fato de, principalmente, ser frequentado por turistas, não exclui os significados religiosos da Catedral, em função do motivo das visitas. Porém a Catedral, enquanto espaço sagrado é mais evidente quando está sendo frequentado por pessoas que buscam ali, o fortalecimento da fé.

Enquanto não está tendo nenhum tipo de culto, ou ritual católico, as pessoas procuram outra função no lugar, além de procurar a manifestação do sagrado. A ação das pessoas marca bem a utilidade daquele monumento, estão lá para fotografar, se deslumbrar com a arquitetura icônica da Catedral, de observar bem as peças religiosas, em suma, de visitar o monumento. Além da postura, das ações, a vestimenta das pessoas altera bastante entre os momentos de culto e de visita da Catedral. Em momento de culto, onde o caráter religioso se sobressai, o sagrado se intensifica no lugar, então suas condutas vão estar de acordo com os pressupostos destinados ao lugar sagrado, segundo a religião católica.

3.2. RESULTADOS OBTIDOS

3.2.1. CATEDRAL COMO MONUMENTO

Neste item correspondente aos significados atribuídos a Catedral como monumento, faço menção a uma parte do objetivo geral e o primeiro objetivo específico do trabalho: **Determinar se a Catedral Metropolitana Nossa Senhora de Fátima, transmite significados enquanto monumento religioso e compreender alguns dos**

significados atribuídos à Catedral como monumento religioso, respectivamente. Dessa forma, as questões analisadas neste item correspondem as de número **5, 6, 7 e 9**. Para melhor visualização das respostas replicarei os enunciados e as alternativas das questões, do questionário (Apêndice 1):

5. Você já foi à Catedral?
() Sim
() Não
6. A Catedral, para você, transmite significados?
() como monumento urbano
() como monumento religioso
() as duas opções anteriores
() nenhuma das opções anteriores
8. A Catedral possui outros significados para você?
() como símbolo para qualquer religião
() como símbolo estético da cidade
() nenhum
() outros?

9. Qual sua religião? _____

Relembrando que não é uma pesquisa quantitativa, porém as proporções obtidas pelas questões serão o enfoque da análise. Das 85 respostas obtidas com sucesso, as repostas da **questão 9** dividissem em: os declarados católicos foram 39, protestantes foram 20, os espíritais foram 4, os agnósticos foram 8, das religiões afro-brasileiras foram 10 e os que se encaixam em outras crenças/religiões foram 4. Essa amostra relaciona-se com o padrão do contexto religioso presenciado no Distrito Federal, como se pode ver nos dados obtidos pela Pesquisa Distrital por Amostras de Domicílios do Distrito Federal (PADADDF) 2015, produzido pela CODEPLAN, onde informa que a religião predominante é a católica com 58,51% seguida da evangélica com 28,91%.

Em relação à questão cinco, os resultados obtidos ficaram dividido na seguinte proporção: 70 pessoas responderam que já visitaram a Catedral, enquanto 15 pessoas nunca a visitaram. Posso inferir desse resultado a grande visibilidade do monumento e

sua importância no cotidiano das pessoas. Visto que, segundo os dados, grande parte da amostra já visitou a Catedral, isso evidencia sua notoriedade na paisagem brasiliense.

Focando a análise no objetivo geral, do presente trabalho, que diz respeito a determinar se a Catedral transmite significados enquanto monumento religioso, partilho do resultado obtido da **questão 6**: 13 pessoas responderam que a Catedral transmite significados enquanto monumento urbano, 17 responderam enquanto monumento religioso, 53 como monumento urbano e religiosos e 2 pessoas responderam que a Catedral não transmite significados. Posso inferir, desse resultado, que a Catedral realmente transmite significados, já que a maioria dos participantes da pesquisa afirmaram isso. Porém algo relevante que vale a ressalva, foi que a Catedral mesmo sendo uma edificação religiosa, católica, possui outros tipos de significados proeminentes da sua característica religiosa.

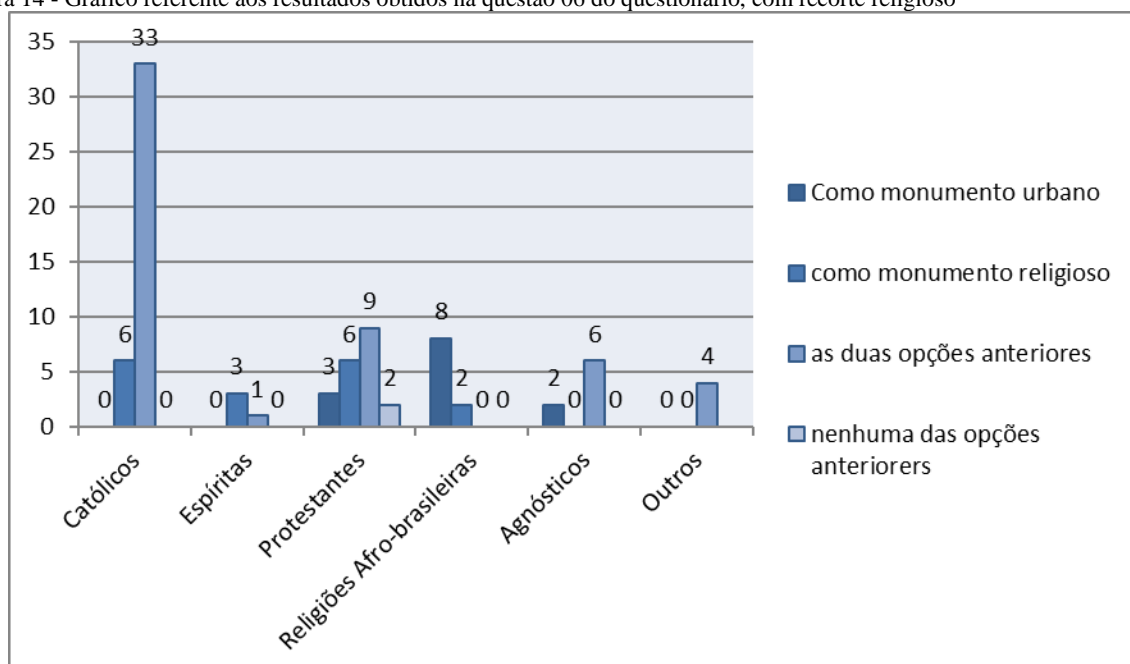
Outra característica, do monumento, aparece por sua importância que é a arquitetura do monumento e por fazer parte da composição arquitetônica da cidade. Essa característica é importante, pois o reconhecimento do monumento se dá por ser um grande feito do passado que é lembrado e reverenciado atualmente. A técnica da sua construção concretizado no conceito arquitetônica se diferencia das demais catedrais do Brasil, tornando a um ícone da arquitetura da cidade e do país.

Esses números em absoluto representam a forte significância da Catedral, independente da religião, mas quando faço o recorte por religião podemos ver uma diferença nessa perspectiva. Entre os católicos, ficou evidente que todas as 39 pessoas que participaram do questionário reconhecem a Catedral como um monumento que para eles transmita significados religiosos. O significado religioso está presente para essas pessoas, e com mais intensidade pelo fato das pessoas e monumento compartilharem da mesma linguagem religiosa, o espaço sagrado torna mais evidente por via que os católicos interpretam melhor os signos e símbolos presentes na Catedral, dão mais importância que os outros grupos religiosos.

Assim como os católicos, os outros grupos religiosos destacados na pesquisa (espíritas, protestantes, religiões afro-brasileiras (candomblecistas e umbandistas) e agnósticos) tem parcelas que assinalaram na **Questão 6** que a Catedral, para eles,

transmite significados enquanto monumento religioso. O resultado pode ser visto no gráfico abaixo:

Figura 14 - Gráfico referente aos resultados obtidos na questão 06 do questionário, com recorte religioso



Org. Arthur Pedrosa Fraiz Vasques

Posso inferir, com o recorte pela religião, que a crença da pessoa não é fator determinante para interpretar os significados da Catedral enquanto monumento religioso. Como se pode ver pelo gráfico, para 70 pessoas a Catedral transmite significados enquanto monumento religioso (17 pessoas responderam que a Catedral transmite significados enquanto monumento religioso e 53 responderam as duas opções da questão).

Podemos evidenciar disso que a Catedral (símbolo católico) representa na paisagem urbana a hegemonia de um sistema religioso e moral, em que, mesmo com a evasão constante de fiéis católicos para religiões protestantes e para os “sem religiões”²¹, ainda é uma instituição religiosa que produz sentidos e crenças para os indivíduos. A Catedral transmite significados enquanto monumento religioso mesmo para pessoas fiéis a outras religiões, pelo catolicismo está presente na formação histórica da população e pelo sincretismo presente na formação religiosa brasileira. A existência

²¹

	1980	1991	2000	2010
Católicos	89%	84%	74%	65%
Protestantes	4%	9%	15%	22%
Sem religião	1%	4,8%	7%	8%

Fonte: IBGE (Censo 1980/1991/2000)

desde a origem da sociedade brasileira faz com que o cristianismo esteja presente, fortemente, na construção da sociedade brasileira, em que símbolos cristãos estão imbricados no cotidiano brasileiro, em costumes, na educação e nos hábitos do dia-a-dia. Em sua gênese, o catolicismo no Brasil incorpora-se a outras crenças e tradições se efetivando como modelo religioso hegemônico, como afirma STEIL e HERRERA (2010, p.359-360):

“antes da diversificação do campo religioso brasileiro, o catolicismo se apresentava como uma meta-religião que incorporava múltiplas tradições de origem europeia, indígena e africana. Neste contexto, o sincretismo, que se efetuava na prática cotidiana dos fiéis, acabava sendo subsumido por um modelo religioso hegemônico que se mantinha e se reproduziu graças a sua relação orgânica com o Estado colonial e monárquico”.

A relação entre a instituição católica e o estado brasileiro, conjuntamente com o sincretismo da prática religiosa cotidiana faz com que o símbolo, como a Catedral, seja construído no centro da cidade e permaneça como transmissor dos significados católicos, dentro de uma metrópole marcada pela heterogeneidade nas crenças religiosas. Esse monumento firma como símbolo marcante da cidade e transmissor de significados religiosos para uma parcela da população.

A transmissão de significados religiosos pela Catedral pode abranger fiéis de múltiplas religiões e crenças, porém isso não é absoluto. Vale ressaltar que para duas pessoas evangélicas a Catedral não transmite significados enquanto monumento religioso ou urbano. Essa aversão ao monumento, notada nessa resposta, pode ser percebida no campo, no total de seis pessoas evangélicas se opuseram a responder, em primeiro momento, o questionário, afirmando que a Catedral não significava nada para elas. Para 13 pessoas (3 protestantes, 8 fiéis de religiões afrodescendentes, e 2 agnósticos) a Catedral transmite significados como monumento urbano, dessa forma o sentido religioso é também ignorado.

Agora, voltando a análise para a **questão 8** que foi confeccionada com o intuito de evidenciar o primeiro objetivo específico, do presente trabalho: compreender alguns dos significados atribuídos à Catedral Metropolitana Nossa Senhora Aparecida como monumento religioso. Nessa questão foi possível assinalar mais de uma alternativa. Para via de análise dos números obtidos: 22 pessoas veem a Catedral como um símbolo pra

qualquer religião, 43 pessoas veem a Catedral como um símbolo estético da cidade, 16 pessoas não veem na Catedral nenhum outro significado, e 12 pessoas responderam a questão aberta, descrevendo alguns significados do monumento.

Podemos inferir desse resultado que o questionário mostrou que uma parcela das pessoas, 22 pessoas de 85, afirmaram que a Catedral é um símbolo para qualquer religião, retomando seu sentido ecumênico na qual foi em sua concepção. Interessante notar que existe uma contradição no resultado da pesquisa, essa resposta foi assinalada por pessoas declaradas cristãs, sejam católicos ou protestantes. Dessa forma, posso concluir que a percepção de ser um símbolo para todas as religiões é restrita para aquelas pessoas que cultuam ou se assemelham com a característica religiosa do monumento. Esse discurso pode ser visto de duas maneiras: como um acolhimento de todas as religiões no monumento, determinado pelo seu viés católico, ou como uma imposição do catolicismo, pelos seus fiéis, aos que não cultuam da mesma cosmovisão religiosa.

A grande maioria, 45 do total, pensa na Catedral, também, como símbolo estético da cidade. Isso pode ser deferido pela sua inovação tecnológica e por compor a lógica monumental da cidade. O destaque arquitetônico, do monumento, é notado na paisagem do eixo monumental, ela destaca por sua forma que diferem das formas retas e geométricas das demais edificações. A estética da Catedral é fator importante na inclusão no circuito turístico da cidade, isso inclui: sua forma, seus objetos artísticos e a acústica formada pelas paredes laterais da nave central do monumento.

A **questão 8** foi montada com uma alternativa aberta para que as pessoas pudessem descrever, sucintamente, algum outro significado que a Catedral possa transmitir. Não era obrigatória, visto isso, apenas 13 pessoas responderam-na. Algumas respostas não foram relevantes, porém outras evidenciaram bem os significados religiosos e outros. Citarei aqui as mais relevantes para análise.

Dentre as respostas, as que cabem no escopo religioso e seus significados voltam-se a representar a Catedral como: símbolo da cristandade muito antigo, um lugar de grande beleza, que transmite paz, local de culto, de homenagem e encontro ao que se considera divino/sagrado. Essas interpretações podem ser vistas nessas duas respostas: “Símbolo da cristandade desde os tempos” e “lugar lindo, transmite paz e aumenta a fé”.

As respostas que retomam ao simbolismo da forma do edifício foram as de maior número, cinco no total. Essas respostas relatam algo já citado nessa parte do trabalho, como: a grande inovação da arquitetura da Catedral e por ser um símbolo da arquitetura de Brasília e brasileira. Em síntese, citam a beleza e inovação na técnica da construção do monumento que transformam a Catedral num ícone da arquitetura nacional, além de pôr o protagonismo de Oscar Niemeyer como feitor dessa obra. Para título de exemplo, cito as repostas aqui: “Legado de Oscar Niemeyer deixado para Brasília”, “Símbolo arquitetônico”, “Ícone da Arquitetura Brasileira”.

Outras respostas explicitam bem a relação do monumento com a paisagem, isso se debruça em uma condensação dos significados, ampliando a teia de significações. Portanto, a interpretação do monumento não condiz apenas com a edificação, em si, perpassa pela interação paisagem-monumento, fazendo com que surjam outros significados. Esses significados estão relacionados com a propriedade católica da Catedral conjuntamente com sua localização que é a esplanada dos ministérios. Essa relação produz um sentido político ao monumento, baseado na contestação. Como podemos ver nesses dois exemplos:

“Uma Igreja no centro da cidade, no centro de Brasília só reforça o quanto país não é laico, o cristianismo segue forte e o processo de apagamento e catequização se mantem na atualidade”

“Sim ela me lembra como a religião cristã afetou e afeta o espaço geográfico e a política do nosso país, do epistemicídio dos meus antepassados negros e de suas crenças e sobre como o cristianismo foi instrumento para justificar a tortura e o genocídio dos povos indígenas e africanos em diáspora”.

Outra pessoa que estava pela primeira vez em Brasília e não tinha conhecimento da Catedral, imaginou que o monumento fosse parte das edificações que representam o poder federal, esse pensamento foi impulsionado da proximidade com outros prédios símbolo do poder estatal, segue sua resposta: “Tive impressão de ser uma estrutura do poder governamental”. Outra pessoa questiona o caráter católico da Catedral, isso cria um contraste entre essa pessoa e ao grupo que respondeu que a Catedral é um símbolo para todas as religiões, sua resposta ficou dessa forma: “Gosto da Catedral pela estética (arquitetura), mas não devia ser uma só religião, mas de todas”.

A pesquisa evidenciou alguns significados existentes da Catedral, não foram todos, mas podemos afirmar a plurivocalidade da Catedral como monumento. Seus significados produzem padrões e diferenciações entre as visões sobre a Catedral. Para a próxima parte procuro evidenciar a existência da Catedral com geossímbolo, assim, seus significados passam a ser de identidade. Como afirmaram em uma das repostas à **questão 8**: “Além de símbolo estético é também identitário”.

3.2.2. CATEDRAL COMO GEOSSÍMBOLO

Neste item correspondente aos significados atribuídos a Catedral como geossímbolo, faço menção a uma parte do objetivo geral e ao segundo objetivo específico do trabalho: **Determinar se a Catedral Metropolitana Nossa Senhora de Fátima, transmite significados enquanto geossímbolo e compreender alguns dos significados atribuídos à Catedral enquanto geossímbolo**, respectivamente. Para análise desses objetivos, faço uso dos resultados da **questão 7** do questionário, para melhor elucidação das questões replico-a aqui:

7. Você se identifica com a Catedral por algum desses motivos?
- () por ela expressar suas crenças religiosas
 - () por ser um símbolo importante da cidade
 - () as duas opções anteriores
 - () nenhuma das opções anteriores

Como já foi descrito no capítulo anterior, a tarefa de indagar aos participantes do questionário sobre o geossímbolo é complicada, mas essa questão responde bem alguns questionamentos sobre a Catedral ser geossímbolo. A partir dos resultados obtidos pude responder aos objetivos levantados no trabalho, mas afirmo que um maior aprofundamento desse tema necessitaria de uma interação maior com a população, além de um questionário.

Tratando-se dos resultados numéricos obtidos na **questão 7**, a divisão fica da seguinte forma: 9 pessoas se identificam com a Catedral por ela expressar suas crenças religiosas, 33 pessoas se identificam com a Catedral por ela ser um símbolo importante da cidade, 30 pessoas se identificam com a Catedral pelos dois motivos anteriores e 13 pessoas não se identificam com a Catedral por nenhum desses motivos.

Segundo esses dados posso inferir que os católicos possuem uma relação mais forte com o símbolo. Sua relação com o geossímbolo se torna mais afetiva por compartilharem da mesma linguagem religiosa. A Catedral como templo religioso é

vista como um espaço para culto da religião. Local de encontro dos praticantes do catolicismo para comungar seus ritos religiosos. Dessa forma, uma territorialidade é impressa na paisagem da Catedral, que por intermédio do geossímbolo, dá sentido à ação do grupo católico que imprime marcas identitárias na paisagem. Dentro do grupo que respondeu a primeira afirmação, todos os 9 são católicos, e dentro do grupo que afirmou que a identificação com a Catedral se dá pelos dois motivos (representa as crenças religiosas e símbolo importante da cidade), todos são católicos.

Aos que se identificam a Catedral por ser um símbolo importante da cidade, somando 63. Dessa forma posso inferir que a Catedral pode ser vista pelo viés religioso, mas não se pode negligenciar que a Catedral faz parte do complexo arquitetônico de Brasília. Assim como muitos monumentos que compõem essa rede de edifícios do eixo monumental, a Catedral é um geossímbolo marcante na paisagem de Brasília. Ícone marcante na paisagem da cidade, a Catedral intensifica a memória coletiva da cidade pela relação observador-monumento-paisagem. Evidencia uma representação de pertencimento dos moradores com a cidade, faz-se lembrar de Brasília pela sua figura arquitetônica.

Brasília por ser uma metrópole composta por diversos geossímbolos, a Catedral tem seu destaque por sua localização, dessa forma, um maior número de pessoas presencia-a. A Catedral remonta a memória sobre a cidade, cria um vínculo entre o emocional e a memória dos habitantes dessa cidade. Lembra-nos do centro político nacional, da cidade monumental. Inclusive, retoma o turismo da cidade para esse circuito de monumentos, elevando-os a identidade da cidade. Assim como o Cristo Redentor está ligada a imagem da cidade do Rio de Janeiro, a Catedral está ligada a identidade da cidade de Brasília. A paisagem integrante ao geossímbolo torna-se mais vívida e plena de significados, agindo como marca de uma cultura. Atuando na memorização dos significados que se vincula a identidade coletiva da cidade, como forma de fortalecer as relações emotivas da pessoa com a cidade.

Essa relação vai ser mais consistente para algumas pessoas do que para outras. Para 13 pessoas, não possuem nenhum vínculo identitário com a Catedral seja por representar suas crenças religiosas ou por ser um símbolo importante da cidade. Isso pode ser relacionado, com a falta de identificação das pessoas com a própria cidade, ou melhor, o Plano Piloto de Brasília. Muitas pessoas do DF ou da RIDE não moram no

plano piloto, dessa forma, esse espaço se restringe a suas ocupações e não, necessariamente, cria-se um vínculo efetivo com a cidade. A segregação sócio espacial existente em Brasília dificulta a criação de um vínculo com o plano piloto, isso pode ser notada desde sua fundação. Com o limite de ampliação do plano piloto alavancado uma valorização dessas áreas, a seletividade espacial fica mais evidente, restringindo o plano piloto para moradia exclusiva de uma parcela pequena da população. Essas demais pessoas que não residem, no plano piloto, podem criar um sentimento de rejeição com a cidade, fortalecendo a relação com suas respectivas cidades e com seus geossímbolos.

O caráter religioso católico da Catedral, também pode se relacionar com a falta de identificação com algumas pessoas. Já que as 13 das pessoas que não se identificam com a Catedral são de religiões diferentes do catolicismo. Dessa forma a determinação de uma religião para um monumento, consequentemente, vai interferir na relação de identificação da pessoa com o símbolo. Outra explicação para a falta de identificação, notada no questionário por essas pessoas, pode ser relacionada a limitação das respostas. A Catedral, porém, não possui só seu caráter religioso, visto dessa forma, diferente de outras edificações religiosas seu caráter estético/arquitetônico e por estar em uma zona central da cidade, inserida dentro da paisagem rotineira das pessoas fortalece a identificação das pessoas com ela.

As cidades que compõe a região metropolitana de Brasília são evidentes a existências de outros geossímbolos, então não necessariamente a Catedral vai estar, dentro de uma escala de importância, como um símbolo que fortaleça a identidade das pessoas. De forma que a Catedral é lembrada como parte da paisagem de Brasília, mas o pertencimento das pessoas com o plano piloto, além da religião, interfere na importância dada para com esse símbolo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Busquei, no presente trabalho, determinar e compreender os significados transmitidos da Catedral Metropolitana Nossa Senhora de Fátima enquanto monumento e geossímbolo. O destaque do monumento se dá pela sua localização central na cidade e por esse ser um componente na arquitetura monumental da cidade de Brasília. Dessa forma, essas características trazem para a Catedral a possibilidade de diversas interpretações de seus significados, sua grande visibilidade é fator predominante na composição de uma rica teia de significados gerados e interpretados.

Seu caráter religioso é de fundamental importância para interpretação dos significados absorvidos pelas pessoas, dessa forma a cosmovisão das pessoas baseada em suas crenças religiosas influenciam na interpretação do monumento. Como foi possível inferir, o significado ecumênico da Catedral pensando em sua concepção foi substituído quando a instituição católica começou a gerenciar o monumento, modificando toda sua representação. Mesmo tendo essa modificação em seu sentido religioso, pessoas ainda acreditam que seja um símbolo destinado a todas as religiões e outras questionam a destinação da Catedral a uma única religião.

Com a pesquisa pude concluir que o sentido católico da Catedral não é fator determinante para representação da edificação enquanto monumento religioso. Seu viés religioso aproxima os católicos dos significados religiosos que o monumento possa transmitir. Porém o Brasil está imerso em costumes, tradições e crenças católicas fazendo com que mesmo pessoas que cultuem outras crenças possam reconhecer e aceitar os significados católicos. Em conclusão, o catolicismo por ser dominante no Brasil faz com que seus símbolos e significados, como a Catedral, passam a ter sentido para uma parcela grande da população mesmo para aqueles não católicos.

Além do caráter religioso, o monumento Catedral, é lembrado, também, pela sua arquitetura, sua forma. Aos olhos de algumas pessoas a Catedral passa a ser um monumento estético que represente a inovação da técnica e uma quebra de paradigma arquitetônico e estrutural. De forma que sua arquitetura fascinante e suas obras de artes sejam o principal significado para essas pessoas. Essas são duas formas de entender os significados transmitidos pela Catedral, na qual foi proposto na metodologia do trabalho de campo, não são os únicos, desses foram obtidos desdobramentos para outros campos de significados.

O monumento está ligando a paisagem que o envolve, adensando seus significados. Visto isso, outros tipos de significados foram cooptados na pesquisa em campo, entendida essa relação com a paisagem, algumas pessoas mostraram reflexões bastante conclusivas acerca do caráter político da Catedral, e como sua paisagem interfere na composição desses significados. Como foi bem visto, o monumento possui uma relação estreita com identidade e poder. Suas interpretações plurivocais passam pela contestação a celebração.

Outra forma de ver o monumento visto nesse trabalho é pelo seu significado identitário, ou seja, a Catedral vista como um geossímbolo. Busquei entender a relação das pessoas com esse geossímbolo, verifiquei que o geossímbolo é mais importante para algumas pessoas e menos importantes para outras. Como pode ser visto, para os católicos a Catedral tem grande importância, porém para outras pessoas, crentes em outras religiões, essa relação é enfraquecida. O que modifica essa relação é o caráter monumental da sua construção e sua localização central, participando da rotina diária de muitas pessoas, que ultrapassa para algumas pessoas o sentido religioso da construção, tornando afetiva essa relação com as pessoas, mesmo que não católicas. Os geossímbolos são importantes elementos na estruturação da paisagem da cidade e na composição da paisagem vivida, eles são fortes perpetuadores da história da paisagem e das pessoas. Dessa forma, a Catedral é percebida por uma grande parcela da população pela sua localização central e notoriedade de sua arquitetura, com isso ela reforça a vivência das pessoas, assim como suas crenças.

O destaque locacional é evidente, mas não é fundamental na criação do vínculo das pessoas com o geossímbolo, esse está ligada paisagem. Portanto dentro de uma metrópole é difícil destacar um geossímbolo dentro dos mais diversos e existentes nas cidades que compõe a rede urbana do DF. Muitas pessoas vão dar mais importância aos geossímbolos das suas próprias cidades como formadores da identidade das pessoas. A consciência dos múltiplos geossímbolos existentes de Brasília, não exclui a importância da Catedral e sua visibilidade, dessa forma a escolha como objeto desse estudo, perpassa pela importância de ser símbolo da cidade, principalmente por carregar em si uma marca da arquitetura na qual Brasília é lembrada. Diante dos resultados obtidos e da reflexão produzida, pude notar que o estudo sobre geossímbolo em uma cidade, principalmente grande, traz consigo a difícil tarefa de destacar um, como mais importante. A existência de diversos símbolos que incorporam a identidade da

população em uma cidade vai denotar que a importância se dá para algumas pessoas enquanto para outros não.

Em termos gerais, a Catedral com sua plurivocalidade traz consigo interpretações das mais diversas, desde sua arquitetura, seu caráter religioso e até mesmo político. Mostrando divergência entre esses significados, passa de um espaço sagrado para um símbolo de contestação enquanto monumento católico disposto no centro da cidade e no centro político nacional. Sua relação com as pessoas evidencia traços de identidades para parte da população, mas o cotidiano das pessoas em uma metrópole é composto por diversas paisagens e geossímbolos que fundamentam a identidade da população, da relação das pessoas com a cidade. Dessa forma conclui que a Catedral é um forte geossímbolo de Brasília, não é único e nem mais importante, porém fortalece a identidade de uma parcela da população.

BIBLIOGRAFIA

CLAVAL, P. **GEOGRAFIA CULTURAL: UM BALANÇO**. Revista Geografia (Londrina), v.20, n.3, 2011, p. 002-025

CORRÊA, R. L. A. . **Formas simbólicas e espaço: algumas considerações**. Aurora GeographyJournal, v.1, 2007, p.11-19.

CORREA, R. L. A. . **Uma sistematização da análise de monumentos em geografia**. Terra Plural, v. 1, p. 9-22, 2007.

COSGROVE, DENIS. . **A Geografia está em toda parte: Cultura e Simbolismo nas Paisagens Humanas**. In: CORREA, R. L. A.; ROSENDACORREA, R. L. A.; ROSENDAHL, Z. Paisagem, Tempo e Cultura. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998 v 1. 124p

COSTA, E. B.; STEINKE, V. A. . **Brasília meta-síntese do poder no controle e articulação do território nacional**. In: XIII Coloquio Internacional de Geocrítica, 2014, Barcelona, Espanha. El control del espacio y los espacios de control, 2014. v. 1. p. 1-29.

COSTA, Lúcio. **Relatório do Plano Piloto de Brasília - Brasília, cidade que inventei**. ArPDF, CODEPLAN, DePHA. Brasília, 1991.

DE OLIVEIRA, J. P.; ANJOS, F. ; LAMARE, F. C. . **O potencial da paisagem urbana como atratividade turística: um estudo sobre a paisagem de Brasília-DF**. Interações (UCDB), v. 9, p. 159-169, 2008.

Duncan, J. S. **The City as a Text. The Politics of Landscape Interpretation in the kingdom of Kandy**, Cambridge: Cambridge University Press. 1990

GOMES, E. T. A.. **Natureza e Cultura - Representações de uma Paisagem**. In: Zeny Rosendahl; Roberto Lobato Corrêa. (Org.). Paisagem, Imaginário e Espaço. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001, v. 1, p. 49-70.

IBGE – **INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA**. Censo experimental de Brasília. Comissão Censitária Nacional, 1959.

LIMA, E. E. R.. **Integração das Artes na Obra de Oscar Niemeyer. Três espaços consagrados em Brasília**. Tese (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade de Brasília. Brasília. p.187 2013.

MAYRINCK, V.. **Paisagem e simbolismo**. In: Roberto Lobato Corrêa; Zeny Rosendahl. (Org.). Paisagem, imaginário e espaço. 1ed.Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, v. 8, p. 33.

MÜLLER, Fábio. **Catedral de Brasília, 1958-70: Redução Redenção**; in: Cadernos de Arquitetura e Urbanismo, v-10, n11, p 9-33, Belo Horizonte, MG, 2003.

NIEMEYER, Oscar. **Minha Arquitetura**. Rio de Janeiro: Revan, 2000, 3ª edição, dezembro de 2000. 112p.

NIEMEYER, Oscar. **Oscar Niemeyer – Minha Arquitetura 1937-2004**. Editora Revan. Rio de Janeiro, SP.1987.

PAVIANI, A.. **Brasília no contexto local e regional: urbanização e crise. Território (UFRJ)**, v. VII, p. 63-76, 2003.

PESSOA, Diogo Fagundes. **A estrutura da Catedral de Brasília: Aspectos Históricos, Científicos e Tecnológicos do Projeto, Execução, Intervenções e Proposta de Estratégias para Manutenção**. Tese (Mestrado em Engenharia Civil), Universidade de Brasília, Brasília. p 282 . 2002

PORTO, Cláudia E.. **Um estudo comparativo da forma estrutural de dois monumentos religiosos em Brasília: A Catedral e o Estupa Tibetano**. P@ranoá (UNB) , Brasília-DF, v. 9, p. 4 2007.

RIBEIRO, Gustavo Lins. **O capital da esperança: a experiência dos trabalhadores na construção de Brasília**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2008. 275p.

SCOTTÁ, LUCIANE. **Arquitetura Religiosa de Oscar Niemeyer em Brasília**. Tese (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade de Brasília. Brasília. p.319 2010.

SILVA, Ernesto. **História de Brasília: um sonho, uma esperança, uma realidade**. 5ª ed. Brasília: Linha Gráfica Editora, 2006.

SODRÉ, N.W. **Oscar Niemeyer por Nelson Werneck Sodré**. Rio de Janeiro. Graal, 1978.

SOUSA, Otavio Tarquínio. **História dos Fundadores do Império do Brasil**. Ed. José Olympio Editora

STEIL, Carlos Alberto; HERRERA, Sonia Reyes . **Catolicismo e ciências sociais no Brasil: mudanças de foco e perspectiva num objeto de estudo. Sociologias (UFRGS. Impresso)**, p. 354-393, 2010.

VESENTINI, J. W.. **A Capital da Geopolítica**. 5a. ed. SAO PAULO: ATICA, 1986. 240p.

APÊNDICE 1



Universidade de Brasília - UnB
Instituto de Humanas - IH
Departamento de Geografia - GEA

Questionário

1. Onde você nasceu? _____
2. Qual sua escolaridade?
☐)Ensino Fundamental
☐)Ensino Médio
☐)Graduação
☐)Pós-graduação
3. Qual sua Faixa Etária:
☐)15 – 30 anos
☐)31 – 45 anos
☐)46 – 60 anos
☐)mais de 60 anos
4. Você mora em Brasília
☐)Sim
☐)Não
 - 4.1. Se a resposta ao item **4.** for **SIM**, há quanto tempo?

 - 4.2. Se a resposta ao item **4.** for **NÃO**, qual o motivo de estar em Brasília?
☐)Trabalho
☐)Familiar
☐)Turismo
☐)Outro: _____
5. Você já foi à Catedral?
☐)Sim
☐)Não
6. A Catedral, para você, transmite significados?
☐)como monumento urbano
☐)como monumento religioso
☐)as duas opções anteriores
☐)nenhuma das opções anteriores
7. Você se identifica com a Catedral por algum desses motivos?
☐)por ela expressar suas crenças religiosas
☐)por ser um símbolo importante da cidade
☐)as duas opções anteriores
☐)nenhuma das opções anteriores
8. A Catedral possui outros significados para você?
☐)como símbolo para qualquer religião
☐)como símbolo estético da cidade
☐)nenhum
☐)outros? _____
9. Qual sua religião? _____